



Universidade de
Aveiro
Ano 2017

Departamento de Comunicação e Arte

LIGIA RODRIGUES
KALLAS

**TECNOLOGIA E RELACIONAMENTO INTERGERACIONAL:
COMO DISPOSITIVOS TECNOLÓGICOS PARTICIPAM NA
TROCA DE CONHECIMENTO DE AVÓS E NETOS**



Universidade de
Aveiro
Ano 2017

Departamento de Comunicação e Arte

LIGIA RODRIGUES
KALLAS

**TECNOLOGIA E RELACIONAMENTO INTERGERACIONAL:
COMO DISPOSITIVOS TECNOLÓGICOS PARTICIPAM NA
TROCA DE CONHECIMENTO DE AVÓS E NETOS**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Comunicação Multimédia, realizada sob a orientação científica da Doutora Ana Carla Miguéis Amaro, Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte, da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho ao meu marido, Doutor Felipe Cohen, que me apoiou, guiou e ensinou imenso durante todo o processo. E à minha avó que me ensinou a perseverança, o amor e a humildade para caminhar e construir no decorrer da vida.

o júri

presidente

Doutor Óscar Emanuel Chaves Mealha
professor associado com agregação da Universidade de Aveiro

vogais

Doutora Maria Cristina Mendes da Ponte
professora associada com agregação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa

Doutora Ana Carla Miguéis Amaro
professor auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora)

agradecimentos

Agradeço às famílias que fizeram parte deste projeto e o tornaram viável e lindo. Ao meu marido, Felipe pela paciência e carinho comigo e com meu projeto. À minha amiga Amarelinha que me emprestou o ombro e os ouvidos nos dias de frustração e de vitória. À minha cunhada Mariana Cohen pela imensa ajuda no desenvolvimento das etapas de coleta de dados. Ao meu amigo, Ygor pelo apoio e troca de conhecimento durante todo o processo. À equipa da loja Porta Verde, em especial à proprietária, Margarida, que nos patrocinou para a montagem do cenário da atividade gamificada. A todos os estabelecimentos que disponibilizaram o espaço para divulgação do estudo. À minha orientadora pela orientação e apoio. E, por fim, às minhas mães, irmãs, pais e toda a família que tornaram possível minha vinda e permanência em Portugal e me ensinaram a base de caráter e valores morais que me trouxeram até aqui.

palavras-chave

avós; netos; conhecimento; dispositivos tecnológicos; tic; relações intergeracionais; aprendizado.

resumo

O presente trabalho propõe compreender como dispositivos tecnológicos participam na troca de conhecimento entre avós e netos. Da reunião de avós, a partir de 60 anos, e seus netos, com idade entre 10 e 18 anos, pode-se compreender como os dispositivos interferem, se o fazem, na troca de conhecimento intergeracional. Através da aplicação de uma atividade gamificada, jogo de investigação de pistas presencial, e entrevistas semi-estruturadas individuais, foi possível observar a troca de conhecimento em ambiente formal e informal e as percepções do relacionamento no dia a dia dos arguidos. Após tratamento de dados e análise dos resultados dos obtidos observou-se a presença dos dispositivos tecnológicos como tópico para conversação e, mais ainda, como artefato central da troca de conhecimento entre as gerações. Toda a informação e dados aqui apresentados são estruturados a fim de apresentar ao leitor uma perspectiva ajustada da realidade estudada.

keywords

grandparents; grandchildren; knowledge; technological devices; ict; intergenerational relationships; learning.

abstract

The present work proposes to understand how technological devices participate in the exchange of knowledge between grandparents and grandchildren. From the reunion of grandparents, aged 60 and over and their grandchildren, aged between 10 and 18 years, the investigation could understand how the devices interfere, if they do, in the exchange of intergenerational knowledge. Through the application of a game activity, with the proposal to unveil clues in person, and individual semi-structured interviews, it was possible to observe the exchange of knowledge in a formal and informal environment and the perceptions of the day-to-day relationship of the interviewed. After treatment and analysis of data and results obtained, it was observed the presence of the technological devices as a topic for conversation and as a central artifact of the exchange of knowledge between the generations. All the information and data presented here are structured in order to present the reader with an adjusted perspective of the reality studied.

ÍNDICE

1.	INTRODUÇÃO	1
1.1	Questão de investigação.....	2
1.2	Caracterização da investigação	3
1.3	Estrutura da dissertação	4
2.	O DISPOSITIVO TECNOLÓGICO NA TROCA DE CONHECIMENTO INTERGERACIONAL E O ARTEFATO AUDIOVISUAL DESTA TEMÁTICA.....	6
2.1	Introdução	6
2.2	Dispositivos tecnológicos e seu uso pelas diferentes gerações	7
2.3	Troca de conhecimento nas relações intergeracionais entre avós e netos.....	13
2.4	A tecnologia nos processos de troca de conhecimento entre avós e netos....	20
2.5	Documentários diretos e verdade no relacionamento intergeracional.....	23
3	PARÂMETROS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO	31
3.1	Introdução	31
3.2	Desenho da investigação	31
3.3	Seleção do grupo de estudo.....	32
3.4	Técnicas e instrumentos de recolha de dados: desenvolvimento e validação	35
3.4.1	Atividade 1 Atividade gamificada	37
3.4.2	Atividade 2 Entrevistas pessoais.....	47
3.5	Tratamento dos dados.....	49
3.5.1	Tratamento dos dados coletados na atividade gamificada	49
3.5.2	Tratamento dos dados coletados nas entrevistas semiestruturadas	50
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	53
4.1	Introdução	53
4.2	Análise e discussão dos registros da atividade 1 Atividade gamificada	53
4.3	Análise e discussão dos registros da atividade 2 Entrevistas individuais.....	62
4.3.1	Discussão e análise Avós.....	63
4.3.1.1	Categoria Demográfico	63
4.3.1.2	Categoria Dispositivos tecnológicos	64
4.3.1.3	Categoria Relação intergeracional.....	68
4.3.1.4	Categoria Dispositivos tecnológicos na relação intergeracional	74
4.3.2	Discussão e análise Netos	77
4.3.2.1	Categoria Sociodemográfica	77
4.3.2.2	Categoria Dispositivos tecnológicos	78
4.3.2.3	Categoria Relação intergeracional.....	80
4.3.2.4	Categoria Dispositivos tecnológicos na relação intergeracional	84
4.4	Resultados da observação direta	85

4.4.1	Atividade gamificada observação direta	86
4.4.2	Entrevistas individuais semiestruturadas observação direta	88
5	ROTEIRO E PLANEJAMENTO DO ARTEFATO AUDIOVISUAL	92
5.1	Introdução	92
5.2	Roteiro.....	92
6	CONCLUSÕES.....	94
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Cartaz e panfletos disponibilizados	33
Figura 2 Página 'Troca de Conhecimento Intergeracional' no Facebook	38
Figura 3 Balcão de trabalho do cientista	39
Figura 4 Detalhes do 'Balcão de trabalho do cientista'	39
Figura 5 Secretária do cientista	40
Figura 6 Detalhes da 'Secretária do cientista'	40
Figura 7 O cacifo do cientista.....	41
Figura 8 Detalhes do 'Cacifo do cientista'.....	41
Figura 9 Entrada da sala.....	42
Figura 10 Panorama geral do gabinete.....	42
Figura 11 Pista 1 - Amália Rodrigues e QR Code.....	43
Figura 12 Pista 2 - Avenida Lourenço Peixinho.....	44
Figura 13 Pista 2 - Avenida Lourenço Peixinho.....	44
Figura 14 Pista 2 - Avenida Lourenço Peixinho.....	45
Figura 15 Pista 2 - Avenida Lourenço Peixinho.....	45
Figura 16 Pista 3 - Máquina de escrever.....	46
Figura 17 Croqui do gabinete do cientista.....	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Avós selecionados para o estudo	34
Tabela 2 Netos selecionados para o estudo	34
Tabela 3 Frequência de relacionamento entre avós e netos	35
Tabela 4 Categorização final das questões da entrevista semiestruturada	52
Tabela 5 Tempo de realização da atividade gamificada	54

1. INTRODUÇÃO

Portugal, bem como grande parte dos países no mundo, enfrenta um cenário atual caracterizado pelo aumento na expectativa de vida e pela queda da taxa de natalidade, fatores que têm vindo a determinar o envelhecimento da população.

Atualmente, os portugueses com mais de 65 anos representam uns expressivos 21% de uma população total de cerca de 10.374 milhões de habitantes (Eurostat, NU, INE, & PORDATA, 2015). A expectativa de vida no país aumentou de 73 anos para homens e 79 para mulheres para, respetivamente, 76 e 81 anos (V. Rodrigues et al., 2014).

Como referem (V. Rodrigues et al., 2014, p. 2), o envelhecimento da população tem vindo a criar inevitáveis mudanças sociais, como a reavaliação do mecanismo de socialização intergeracional, e continuará a fazê-lo, nas próximas décadas. Frente ao aumento representativo no número de cidadãos seniores na sociedade têm-se, como consequência mudanças como o aumento no período de contribuição económica da sociedade envelhecida, a revisão iminente e necessária na previdência social entre outros fatores.

Estudos recentes (Forghani & Neustaedter, 2014; Freytag & Rauscher, 2017; Hurme, Westerback, & Quadrello, 2010; Oliveira & Pinho, 2013; Pereira & Silva, 2011; Pires & Coelho, 2010; Rodriguez, Oteo, Gleisner, & Herskovic, 2015; Sawchuk & Crow, 2012; Vutborg, Kjeldskov, Pedell, & Vetere, 2010) apontam a importância do apoio familiar, em especial filhos e netos, para o envelhecimento saudável. Assim, faz-se imprescindível a compreensão de seu relacionamento intergeracional familiar, no contexto, atual altamente digital e tecnológico, bem como a maneira como se dão as trocas de conhecimento neste ambiente.

Deve-se considerar, por exemplo, os dados do INE (Instituto Nacional de Estatística) e PORDATA de 2015 que apontam que cerca de 27,2% da população idosa, atualmente, utiliza a internet. Ainda neste cenário temos que cerca de 99,3% da população jovem (16 a 24 anos) faz uso, também, da rede internet. Com efeito, um aumento de mais de 1100% nos últimos 7 anos no consumo de serviços móveis, apontam a crescente e irreversível utilização de dispositivos móveis.

Assim, é importante, frisar o uso das novas tecnologias como influenciador direto no dia a dia de toda a população, inclusive idosa, portanto no relacionamento interpessoal e geracional. Como exemplo, em contexto português, da importância e presença das novas tecnologias frente a este iminente aumento na população idosa e no consumo de tecnologias, iniciativas como o “Ligar Portugal” e, sob sua regência programas como o e-escolas para jovens e adolescentes, bem como a EFA (Educação e Formação de Adultos), a fim de disseminar e possibilitar a diferentes faixas etárias o acesso à tecnologia.

Ainda no contexto da necessidade de compreender e melhorar a qualidade de vida do cidadão sênior, fundamentalmente no ambiente familiar, observa-se uma necessidade latente de uma perspectiva mais acertada da realidade, especialmente no que diz respeito à crescente presença dos dispositivos tecnológicos, bem como sua interferência na troca de conhecimento como um todo.

A pertinência e importância do estudo apresentado nesta investigação vem da necessidade em compreender como se pode tornar mais harmoniosa a convivência entre avós e netos e, sobretudo, entender como ambos disponibilizam e recebem conhecimento da outra geração. Toda a análise e estudo envolve o cenário contemporâneo de novas tecnologias e novo quadro social do aumento da expectativa de vida e, conseqüente, aumento da população idosa portuguesa.

1.1 Questão de investigação

A investigação busca a compreensão dos processos de troca de conhecimento intergeracional entre avós e netos e da forma como a presença e utilização de dispositivos tecnológicos interfere nesses processos. A investigação visa, ainda, a produção de um documentário, curta-metragem, a fim de apresentar o estudo, seu desenvolvimento e detalhes do envolvimento dos participantes com o projeto.

Face a estes objetivos gerais, estabeleceram-se os seguintes objetivos secundários:

- Compreender as motivações e limitações da troca de conhecimento intergeracional;
- Compreender quais dispositivos que interferem nesta troca e de que forma o fazem;

- Compreender como traduzir os resultados do estudo empírico para a linguagem audiovisual;
- Produção de um artefato audiovisual que demonstre e divulgue o decorrer do estudo, bem como o envolvimento dos participantes.

Desta forma, considerando estes objetivos e finalidades investigativas, a revisão da literatura efetuada e o estudo empírico levado a cabo procuraram dar resposta à seguinte questão de investigação:

De que forma os dispositivos tecnológicos interferem, se o fazem, na troca de conhecimento entre avós e netos?

Neste sentido, a questão desenhada apresenta três conceitos bastante específicos para abordagem: dispositivos tecnológicos, relacionamento intergeracional e troca de conhecimento, todos envolvendo a perspectiva de avós e netos.

Por dispositivo tecnológico entende-se, aqui, o artefato de troca e elaboração e intensificador de processos de sociabilidade em um contexto social (A. Rodrigues, n.d.). No que diz respeito ao relacionamento intergeracional, adota-se a visão do relacionamento familiar entre avós e netos, em especial do relacionamento de proximidade geográfica e parental. Em relação ao conceito de troca de conhecimento, é aqui utilizado significando o processo de ensino e aprendizagem em contextos formais e não formais.

Estes conceitos são mais amplamente discutidos e explorados, ao longo do Capítulo 2 desta dissertação.

1.2 Caracterização da investigação

Para a persecução dos objetivos do estudo e resposta à questão de investigação delineada, o desenho metodológico da investigação estruturou a recolha de dados empíricos em dois momentos: um primeiro, que envolveu avós e netos numa atividade gamificada, em que juntos colaboraram para, fazendo uso de vários dispositivos tecnológicos e funcionalidades dos novos media, solucionar um enigma; e um segundo

momento, constituído por entrevistas individuais aos avós e netos envolvidos no estudo, para melhor compreender a problemática em estudo.

Desta forma, o estudo baseia-se em uma abordagem metodológica qualitativa, com enfoque investigativo de natureza interpretativa e exploratória.

O estudo assume uma natureza interpretativa, uma vez que se buscou compreender a realidade estudada através do significado que os atores atribuem a determinado fenômeno, no caso como avós e netos observam a troca de conhecimento entre eles (Josemin, 2011). Para Scwandt (2000) a interpretação de uma ação social só será possível a partir da apanha do significado daquela ação para os atores envolvidos, mesmo que transpondo o subjetivo de maneira objetiva.

De forma complementar à natureza interpretativa, a natureza exploratória adequa-se a estudos que pretendem clarificar ou obter uma nova visão de um fenômeno (Robson (2002) as cited in Saunders, Lewis, & Thornhill, 2012). Como é o caso da presente investigação - dada a flexibilidade com que permite procurar respostas para questões de 'como' e 'porque' (Saunders et al., 2012).

1.3 Estrutura da dissertação

Esta dissertação divide-se em cinco capítulos, destinados, respetivamente, à apresentação do contexto atual da problemática em estudo, à introdução à literatura do domínio, apresentação do estudo realizado, análise de dados e apresentação de resultados e conclusões.

O primeiro capítulo, 'Introdução', introduz o trabalho realizado, bem como as questões que impulsionaram a sua realização.

O capítulo dois, 'Tecnologia e troca de conhecimento intergeracional', apresenta os resultados da revisão da literatura aos conceitos fundamentais à investigação, enquadrando o estudo, do ponto de vista teórico.

No capítulo três, 'Parâmetros metodológicos', descrevem-se os métodos e estratégias de seleção de participantes, bem como as técnicas e processos de recolha de dados. Apresentam-se, ainda, as etapas do estudo e a ligação entre elas.

O capítulo quatro, 'Análise e discussão dos resultados', apresenta a análise detalhada dos resultados obtidos em cada uma das etapas de recolha de dados, discutindo-os com base na literatura do domínio.

No quinto e último capítulo, 'Conclusões', sistematiza o estudo desenvolvido, apresentando ainda as suas limitações e contribuições fundamentais, bem como propostas de desenvolvimentos futuros.

Ao final da dissertação apresentam-se as referências bibliográficas e anexos pertinentes à compreensão do estudo realizado.

2. O DISPOSITIVO TECNOLÓGICO NA TROCA DE CONHECIMENTO INTERGERACIONAL E O ARTEFATO AUDIOVISUAL DESTA TEMÁTICA

2.1 Introdução

O enquadramento teórico, aqui apresentado, foi elaborado em acordo com a pergunta de investigação estipulada: “De que forma os dispositivos tecnológicos interferem, se o fazem, na troca de conhecimento entre avós e netos? ” em concordância com os objetivos estabelecidos. A questão remete para três conceitos base, nomeadamente: dispositivos tecnológicos, relacionamento intergeracional e troca de conhecimento.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são amplamente abordadas enquanto ferramentas de comunicação interpessoal, bem como no que diz respeito ao seu expressivo crescimento nos últimos anos. Em adição a isso, a utilização de tais ferramentas para o contato intergeracional e as formas e frequência de uso também mostram-se temas explorados em diversos estudos (Goncalves & Patricio, 2010; Hurme et al., 2010; C Kenner, Ruby, Jessel, Gregory, & Arju, 2008; Lee, Liang, Park, & Yan, 2015a; Pereira & Silva, 2011; Quadrello et al., 2005). No entanto, quando voltamos o olhar para a interferência das TIC e dispositivos tecnológicos na troca de conhecimento, em especial intergeracional, são poucos os estudos que relacionem os conceitos ou analisem esta relação, entre eles Ponte (2011), Kenner (2008), Vutborg et al. (2010) e Weber & Absher (2003).

Todavia, em consideração ao objetivo estabelecido de, além de compreender o relacionamento e troca de conhecimento intergeracional, produzir um documentário com o conteúdo coletado, faz-se também necessária uma análise deste quarto conceito: o artefato audiovisual na temática intergeracional. Dentro dos conceitos pré-determinados - dispositivos tecnológicos, relacionamento intergeracional e troca de conhecimento -, aprofundou-se os estudos no entendimento de sua estrutura, surgimento e influencia na sociedade.

Desta forma, neste capítulo da dissertação, e num primeiro momento, exploram-se os conceitos de TIC e dispositivos tecnológicos, enfatizando-se o seu papel na sociedade atual e no quotidiano das pessoas e das famílias, nomeadamente avós e netos. Além

disso, faz-se uma ampla discussão de quanto cada geração utiliza essas tecnologias e de que maneira o fazem.

Seguidamente, faz-se uma análise do conceito de relacionamento intergeracional e de troca de conhecimento no seu contexto. Explana-se sobre o tipo e a importância do relacionamento para avós e netos e o papel que cada um desempenha, bem como o significado deste papel para o outro. Em seguida, faz-se uma análise das trocas de conhecimento intrínsecas e contextualizadas no relacionamento intergeracional. Apresentam-se os tipos de trocas e os fatores motivadores e inibidores das mesmas.

Num terceiro momento, os conceitos de relacionamento intergeracional, troca de conhecimento e dispositivos tecnológicos são analisados na sua interação e eventual mútua influência.

Por fim, faz-se uma análise aprofundada da técnica e prática de produção de artefatos audiovisuais, nomeadamente de documentários, bem como do seu surgimento, possibilidades e o papel que desempenham na sociedade. Faz-se ainda uma segunda análise, mais específica, a respeito de materiais audiovisuais encontrados no contexto da temática do relacionamento e troca de conhecimento intergeracional.

Frente ao material encontrado, com o intuito de reunir os conceitos encontrados e preencher possíveis lacunas de conhecimento, a investigação traz ao cenário português atual uma nova perspectiva da troca de conhecimento intergeracional. Vislumbra-se, aqui, a abordagem da troca entre avós e netos adolescentes e pré-adolescentes, no contexto das TIC, dispositivos tecnológicos em especial.

2.2 Dispositivos tecnológicos e seu uso pelas diferentes gerações

As TIC, e consequentemente os dispositivos tecnológicos, desempenham, a cada dia, um papel mais importante e expressivo no cotidiano de todos. As novas gerações utilizam-se de seus dispositivos para diversas funções e atividades cotidianas, desde o contato interpessoal, até a pesquisa de temas de interesse e a resolução de problemas cotidianos, através de aplicações instaladas. O mesmo acontece, em diferente proporção, mas com aumento expressivo, nas faixas etárias mais elevadas; da pesquisa na internet para a obtenção de informações, até à comunicação interpessoal, a geração

dos avós começa a interagir cada vez mais com as novas tecnologias (Barbosa, Barbosa, Cheiran, & Vieira, 2010).

A partir do século XX, a sociedade começa a passar por mudanças profundas no seu consumo de informação e de tecnologia. A chamada “Era da Informação” dá início à uma nova era tecnológica e de customização na qual estamos, hoje, todos imersos (Filho, 2001). Neste contexto, considerando a vasta gama de artefatos e dispositivos que nos rodeiam, além da massiva quantidade de conteúdo que absorvemos todos os dias, presenciamos um aumento na presença e importância das TIC na vida moderna.

O crescente consumo das TIC mostra que, a cada dia, nossa sociedade se envolve e é envolvida pelo novo modelo de convivência, comunicação e consumo. Alguns dados, da população mundial, de 2013 corroboram e reafirmam o alcance da tecnologia no mundo atual. A penetração de celulares representa 96% da população mundial, e 89% apenas em países em desenvolvimento. Considerando a conexão com a internet, cerca de 40% da população mundial está online, sendo a Europa com o maior percentual de indivíduos conectados, 75%. Ainda podemos apontar o crescente número de subscrições a planos de internet em celulares e dispositivos móveis, como alerta do aumento de consumo e tempo dispendido online, são 2 bilhões de subscrições no mundo, na Europa 422 milhões (Sanou, 2013).

Em um contexto mais próximo da realidade a ser estudado, em Portugal, temos programas como o “Ligar Portugal”. O programa que teve início em 2005, surge como resposta ao “i2010 – Sociedade de Informação europeia para o crescimento e emprego” da União Europeia, e tem como principal intenção a promoção da utilização dos novos media e TIC e estimular o crescimento e desenvolvimento científico e tecnológico no país, entre outros objetivos. Para o sucesso da iniciativa o governo português implementou algumas medidas essenciais, como: facilitar a aquisição e utilização de computadores para estudantes com subsídios financeiros e disponibilização de equipamentos; garantir o acesso livre e gratuito à internet; aumentar o número de computadores nas escolas, bem como o acesso à internet; entre outras. Todas as medidas, mudanças e novidades foram realizadas com o intuito de dar resposta aos desafios que as TIC podem trazer e solucionar. “Estas tecnologias podem e devem ser fator de coesão social e territorial, de combate à exclusão, e de estímulo à colaboração

entre instituições públicas e privadas, e entre cidadãos, ajudando a difundir o conhecimento como valor ético, social e económico. ” (MCTES, 2005).

Hoje, mais que a utilização pura e simples dos dispositivos tecnológicos a sociedade vive uma era de questionamentos sobre seu contributo para a era digital e qual o retorno advindo do uso das TIC para a vida de cada indivíduo. Em cada comunidade, isoladamente, a tecnologia aflora e é incentivada de uma determinada maneira. Países com disposição ao desenvolvimento e diminuição da pobreza, como Brasil, China e Índia, possuem características que promovem o melhor acesso, criação e adoção das TIC no dia-a-dia. Assim, podemos afirmar que características socioculturais, bem como demográficas, interferem nas TIC e serão influenciadas por elas (Diga & May, 2016).

Há, enraizada à chegada e permanência da tecnologia de informação e comunicação e dispositivos, uma forte mudança sócia técnica. Tal mudança, para que seja totalmente compreendida, deve ser considerada, em primeira instância, no espaço íntimo, doméstico. Esta domesticação, prática do ser-humano, reafirma um diálogo de constante mudança e adaptação no qual o consumo é revisto como forma de produção e engajamento na sociedade. A entrada de um dispositivo em casa é feita não sem preparo ou empacotamento que o torne aceito e aprazível, pelo contrário, a chegada do dispositivo – vindo ele de uma preparação para sua aceitação e consumo – é garantida, também, pela transformação na vida de quem os comprou (Silverstone, 2010).

Como Adriano Rodrigues (n.d.) aponta em seu trabalho “O celular é um objeto técnico puro, diferente dos utensílios, dos instrumentos e das máquinas. (...) pertence antes à categoria dos dispositivos artificiais (...) intervêm na nossa experiência do mundo e funcionam de maneira análoga ao funcionamento do nosso organismo. ” (n.d. p.2). Dispositivos, em especial tecnológicos, como celulares, tablets, computadores e outros, produzem comunicação e ação, ou seja, contato entre seu utilizador – ou interlocutor – e outros. São dispositivos aqueles que se relacionam com a experiência e a vivência do ser humano e nas suas relações interpessoais. Por tudo isso que, são estes influenciadores e influenciados pela geração e vivência de cada indivíduo.

Prensky (2001) defende que o modelo de utilização e adequação/facilidade ao uso dos novos media – aqui incluem-se as TIC e, conseqüentemente, os dispositivos tecnológicos – pode ser inferido pela idade do utilizador e, mais tarde ratificado pelo mesmo autor,

pelo conhecimento adquirido do dispositivo e/ou media. Neste sentido, o estabelecimento de que novas gerações, chamados pelo autor de “Nativos Digitais” são mais familiarizadas às novas tecnologias e, ainda, mais predispostos e amigáveis ao seu uso. “Nativos digitais estão acostumados a receber informação realmente rápido. (...). Eles preferem seus gráficos aos textos, mais do que o oposto. (...). Eles funcionam melhor em rede. ”. Já quanto aos usuários mais velhos, que não nasceram na era digital e/ou não são familiarizados naturalmente com os novos media, Prensky os chama de “Imigrantes Digitais”.

Crianças e adolescentes fazem parte de uma geração já preparada para a tecnologia, são gerações que nasceram em um universo de competências e capacidades específicas para o aprendizado e manuseio da tecnologia em si. Os dados do INE e PORDATA (2015) corroboram esta realidade da adesão dos mais jovens a um universo que, para eles é natural. Considerando-se a população de 16 a 24 anos, em Portugal, temos uma expressiva porcentagem de utilização de computadores, 98,1% desta população faz uso do dispositivo. Além disso, indicadores da utilização de internet corroboram a fluência dos “Nativos Digitais” – ou “Homo Sapiens digital” como uma atualização de Prensky (2001) conectando o conhecimento à sua definição – , 99,3% desta população acessa à internet. Esta última informação nos possibilita, ainda, inferir que o “estar online” parte, diversas vezes, de dispositivos tecnológicos móveis, como o celular ou o tablet (INE & PORDATA, 2015).

Ainda no universo da geração mais nova, temos, além do efetivo consumo das TIC, o perfil de como cada um desses indivíduos utiliza os dispositivos tecnológicos e como se porta frente às TIC e novos media. Em estudo com jovens universitários na área de educação, em sua rotina diária, Maria Ricoy et al. (2016) nota que estes acabam por utilizar com maior constância os celulares e computadores para uso pessoal e profissional, contudo dispositivos como câmeras digitais, MP3 e tablets também aparecem na lista de dispositivos utilizados. Já em relação à finalidade de uso tem-se dispositivos como computador portátil ligados à pesquisa e produção de conteúdo, deixando aos celulares e dispositivos móveis acessos mais rápidos e eminentes (Ricoy et al., 2016).

São grandes as separações entre gerações e/ou perfis de consumo e compreensão dos TIC, mas algumas vertentes são observadas quanto ao uso delas na geração mais nova. Através da tecnologia o significado de acesso abriu uma vasta gama de possibilidades de comunicação e conceitos de “narrow reach” com uma comunicação em pares e mais direta, SMS por exemplo, e “wide reach” com ferramentas que possibilitem a comunicação do interlocutor com diversas outras pessoas ao mesmo tempo, como acontece em redes sociais (Baym, 2010). Ainda neste contexto, pode-se notar o distanciamento do que gerações distintas percebem, conhecem e utilizam das ferramentas.

Neste sentido, se em um extremo temos utilizadores jovens que transitam sem dificuldade entre os dispositivos tecnológicos, e as TIC, temos uma outra parcela da população que enfrenta mais dificuldades na convivência com as novas tecnologias (Verona, Camps Pimenta, De, & Buriti, 2006). Os mais velhos, nascidos nas décadas de 30 a 60, absorvem o mundo atual de maneira diferente e menos inclusiva que as demais gerações. A sociedade tecnológica não oferece igual oportunidade de interação e vivência para a população que não a conhece (Barbosa et al., 2010). Em estudo realizado por Gonçalves e Patrício (2010) pode-se verificar limitações físicas ao manuseio e aproximação das TIC. Exemplos como a dificuldade em enxergar caracteres ou manuseio de pequenas peças foram notados no estudo realizado.

Para Prensky (2001) este outro extremo, chamado de “Imigrantes Digitais” não é familiarizada com a nova tecnologia/media e, assim, acaba por tratar com desdém ou não dá créditos a essa nova realidade. De acordo com a teoria, por um apego ao tradicional, e/ou uma descrença frente à importância do moderno, as gerações mais velhas acabam não voltar os olhos ao aprendizado e absorção do novo. Entretanto, outros estudos mostram que, mais que o pré-conceito com o novo, as gerações mais velhas trazem um medo do que se apresenta e de como lidar com a novidade. Em Abdullah et al. (2011), um estudo realizado aponta como razões para a não interação com as TIC coisas como o “medo da tecnologia, não saber como utilizar, não precisar e não ter condições financeiras”. Mais ainda, o estudo mostra a necessidade de conteúdo e ferramentas adequadas às limitações físicas e de aprendizado.

Contudo, essa geração da “terceira e quarta idade” mostra que, mais do que nunca, interessa-se em manter ativa e compreender as novidades no mundo. Em estudo realizado com jovens seniores italianos, mostram como pessoas entre 65 e 74 anos buscam o reconhecimento como cidadãos ativos frente a alguns desafios. No entanto dados coletados mostram que apenas 17% dos indivíduos estudados possuem e utilizam computadores portáteis e, 45% dos inqueridos começaram a utilizar TICs apenas após os 50 anos. Este contraste mostra uma tendência progressiva da “digitalização” das gerações anteriores. “O paradigma geracional nos permite compreender que a distinção entre nativos e imigrantes digitais ainda é evidente, mas gradualmente desaparecendo.” (Colombo, Aroldi, & Carlo, 2014).

No entanto, muitos autores defendem que não podemos dividir, simplesmente, entre gerações para explicar o consumo e manuseio de novas tecnologias, há que se verificar, além disso, a frequência e tipologia de contato com as mesmas (Helsper & Enyon, 2009). Encontramos, aqui, um modelo que se aproxima, mais ainda, da realidade portuguesa, já que o modelo de Prensky não considera assimetrias econômicas e sociais (Pereira & Silva, 2011). Ainda vemos autores, como White (2010) que expõe a necessidade de compreender a visão do indivíduo frente à tecnologia para, só assim, categorizá-lo como residente, aquele que encara a web como uma extensão de sua vida e passa grande tempo online, ou visitante, que, como a denominação indica, faz visitas esporádicas frente às necessidades específicas ao mundo virtual e às TIC envolvidas.

A investigação a qual se pretende apresentar, deverá analisar a diferença geracional da utilização e proximidade com os dispositivos tecnológicos inicialmente através da ótica defendida por Prensky (2001). Contudo há que se analisar, ainda mais, o envolvimento dos indivíduos com as TIC e qual a representatividade no seu cotidiano, bem como sobre qual perspectiva este mesmo indivíduo insere as TIC em sua vida. Assim, deverá ser, em um segundo momento analisado sobre a ótica de Helsper e Enyon (2009) o envolvimento de cada indivíduo para além de sua idade. A intenção, neste caso, é evitar rotulações pré-definidas e compreender, em cada elemento do grupo de estudo, sua relação com as TIC.

2.3 Troca de conhecimento nas relações intergeracionais entre avós e netos

As relações familiares sempre foram o núcleo de criação de laços de solidariedade, identidade e valores. A família nuclear representada pelos cuidadores, pais, e em contexto alargado, os avós. Como definido pela UNESCO em 1978, é no contexto familiar, na maioria das sociedades, que a influência moral é exercida e é definido o papel de cada indivíduo. É no núcleo familiar que o indivíduo vivencia e se forja os primeiros processos de aprendizagem. É ali que avós e netos realizam suas trocas de conhecimento, onde cada um com sua experiência e/ou questionamentos partilha com o outro e recebe conhecimento em troca (Pires & Coelho, 2010).

“Os avós atuais assumem papéis multidimensionais, tanto na sociedade quanto na família.” (Oliveira & Pinho, 2013). Dentro de um núcleo familiar, em especial dentro de uma casa, pode-se observar a presença de diversas gerações, com vivências e experiências distintas. Assim, em se tratando de uma atmosfera de convívio, cada indivíduo ali presente desempenha um papel, ou seja, tem uma atuação e influência na vida dos demais. Os papéis desempenhados em família são, na maioria das vezes, resultado de necessidade, imposição ou interesses. A família é, neste contexto, o maior palco de desempenho de papéis e relações interpessoais (Pereira & Silva, 2011).

Apesar de avós não serem necessariamente indivíduos idosos e/ou velhos, como a faixa etária a ser estudada nesta investigação parte dos 60 anos, vamos, essencialmente, analisar essa perspectiva. Considerando o papel e o reconhecimento da velhice na sociedade, podemos partir para uma grande vertente do papel dos avós e o reconhecimento destes na vida de seus netos.

Segundo Áries (2006) o conceito da velhice passa por três momentos interessantes na história da sociedade. O primeiro entre os séculos XVI e XVII, quando a expectativa de vida extremamente baixa colocava os mais velhos como “anciões decrepitos”. O segundo e terceiro momento, ambos anteriores ao século XIX, o velho passa a ser reconhecido como ancião respeitável e, em seguida, “homem de certa idade” ou “senhores e senhoras muito bem conservados”, adotando, aqui, uma ideia mais tecnológica da conservação.

A velhice na modernidade, segundo Debert (1999), passa a ser reconhecida como algo ruim para os padrões estéticos e funcionais da humanidade – obrigando velhos a se

preocuparem mais na manutenção e prevenção da velhice, mas como uma posição de sabedoria e respeito, com a abertura de um novo mundo de possibilidades e prazeres. Ou seja, nesta etapa da vida o indivíduo, mais do que se preocupar com a velhice, encontra um momento de realização de tudo que a vida o obrigou a procrastinar.

As representações sociais acerca do envelhecimento estão presentes na vida dos indivíduos desde a infância e, tendo-as como base, apresenta-se ao adolescente e pré-adolescente – quando ainda criança – um mundo estruturado por elas. Quando em estudo com crianças de até 10 anos, uma importante tendência à percepção do papel e da presença dos avós faz-se perceber. É intrínseco ao indivíduo reconhecer nos avós o primeiro exemplo de velhice, estando o conceito de ser avó ligado ao ser velho e vice versa (Lopes & Park, 2007). Em estudo de Monserud (2011) , mostrou-se que a proximidade entre avós e netos adolescentes era decisiva para a conservação dessa relação. Ainda aponta que a independência financeira e residencial dos netos podem ser fatores de afastamento entre as gerações.

O papel do avô e avó, na sociedade atual, é muito permeado pelo contexto em que se vive. São cinco os estilos de ser avô ou avó: divertido, formal, cuidador, distante e conservador da sabedoria familiar. Vinte anos depois, os estilos, ainda em mesmo contexto, sofrem ligeira alteração para estar aí, guardião da família, árbitro e conservador da biografia familiar (Neugarten (1964) as cited in Oliveira & Pinho, 2013). Esta classificação mostra que avós podem ter seus papéis reconhecidos de acordo com a proximidade destes para com seus netos. Mais comumente, na atualidade, em especial com netos pequenos, os avós perdem a posição de referenciais de tradição e passam a ocupar uma nova posição de apoio para os pais e, muitas vezes, cuidadores de seus netos (Pires & Coelho, 2010).

De acordo com Harper (2005), os indivíduos passam, atualmente, mais tempo desempenhando papéis familiares que antes, especialmente papéis intergeracionais. Segundo diversos autores, avós mais saudáveis, independentes e com uma expectativa de vida maior, podem gozar a relação com os netos livre de amarras como as encaradas pelos pais. A relação entre avós e netos caracteriza-se pela ausência de conflitos e possibilidade de abordagem a temas por vezes polêmicos (Clarke e Roberts (2004) , Sousa et al. (2006) and Schaie (2002) as cited in Pires & Coelho, 2010). O papel do avô

e avó, podendo ser apreciado por um período mais longo do que outrora, traz um novo sentido à vida, implica na visão de dar continuidade a sua história (Pires & Coelho, 2010). Os laços entre avós e netos são emocionalmente importantes para ambos e se assemelha, em grande, ao laço criado entre pais e filhos (Forghani & Neustaedter, 2014). Os tipos de avós (papéis desempenhados) que mais agrada os netos, designadamente o historiador (que carrega a biografia e história familiar); o professor; o mentor (estimulando a imaginação e ambição); o estudante (aprendendo com os netos); o apoiador; o parceiro (conspirador junto ao neto); o gênio (realizador de desejos); o herói; o modelo; o feiticeiro (como a representação da ponte entre mágica e realidade) e o guia espiritual (Kornhaber (1996) as cited in Pires & Coelho, 2010). Contudo, conforme descrito anteriormente, são diversas as linhas de pensamento que categorizam os papéis possíveis desempenhados por avós na relação intergeracional. E especialmente em relação à idade e época da vida dos netos, tais categorizações podem ser erráticas.

A adolescência é o período de transição em que um indivíduo se encontra entre a infância e a vida adulta, é o momento em que transformações profundas acontecem na vida do jovem. Quanto ao neto adolescente, para entender a percepção do papel dos avós há que se compreender, além do incrustado conceito de velhice, as mudanças físicas, sociais e psicológicas pelas quais os netos passam nesta fase da vida (Oliveira & Pinho, 2013). O número de estudos que envolvam a relação entre adolescentes e seus avós é bastante reduzido se formos analisar especialmente a percepção dos netos frente ao papel exercido por seus avós. Assim, faz-se uma análise do quadro geral de netos e sua percepção, sendo estes com idade mais próxima possível da adolescência e pré-adolescência.

Stella Ant3nio (2010), em citação a estudo de Annette Kientz de 1983, em seu livro estabelece perfis de percepção e imagens que netos adolescentes têm de seus avós. Segundo Kientz, adolescentes dos 13 aos 18 anos possuem uma postura mais crítica frente aos avós. Nesta idade o indivíduo passa a ver em seu avô não mais uma figura de afeto e qualidade, mas sim a representação de ultrapassado e envelhecido. No entanto, ainda se constata carinho e preocupação com a fragilidade da idade avançada, apesar do egocentrismo característico da adolescência.

Em estudo realizado por Pires e Coelho (2010) no município de Águeda, em Portugal com 300 netos, pode-se observar algumas caracterizações na relação intergeracional e, assim, pode-se inferir alguma perspectiva da visão destes em relação ao papel daqueles. Observou-se um convívio maior com avós maternos, sendo estas famílias nucleares ou monoparentais. Grande porcentagem dos netos moram em localidade diferente dos avós, no entanto a frequência de contato mostra-se, em sua maioria, com encontros de, ao menos, uma vez por semana. Interessante observar as atividades decorridas entre avós e netos citados, como uma vasta gama de atividades como conversar, comer e contar histórias.

Rempusheski, Haigh e Davidson (2012), em estudo realizado com 1000 estudantes a partir dos 18 anos, encontram uma relação forte entre a idade dos avós e a percepção dos avós como fonte de admiração, respeito e doador e influenciador. Ainda encontra a proximidade física das moradas como também relacionado à percepção dos netos para com o papel e proximidade familiar dos avós. Já em estudo de Mansson (2016) a perspectiva dos avós foi a analisada quando das recompensas e belezas em ser avô (ó), neste contexto os participantes puderam explicitar um pouco do papel exercido e da percepção dele. Segundo o autor, a troca de afeto (desde trocas verbais e gestuais até “estarem ali um pelo outro”), atividades partilhadas (como a pintura, viagens ou atividades esportivas), entre outros, até o aprendizado e ensinamento.

Em estudo Norueguês realizado por Nag, Ling e Jakobsen (2016), algumas características observadas em estudantes de 16 e 17 anos foram interessantes quanto da percepção do papel de seus avós. Um exemplo é a comparação realizada pelos autores do comportamento dos jovens frente aos pais e frente aos avós quando questionados sobre seus perfis em redes sociais. Os jovens inqueridos mostram-se preocupados com o que apresentam em sua rede, visto que é um ambiente familiar aos pais, mas não aos avós. Outro ponto é o do tempo e qualidade deste quando se estabelece contato com os avós “Meu avô quase nunca me liga, mas quando o faz nós conversamos por muito tempo. (...)”. Os estudantes ainda apontam o cuidado que possuem quando se comunicam com os avós, da escolha da linguagem ao meio de comunicação e da importância de passar emoções, os inqueridos mostram reconhecimento e importância frente ao papel desempenhado pelos mais velhos.

Contudo, apesar de apontarem a qualidade do tempo como fator determinante para aproximação dos avós, os mesmos jovens apontam o constrangimento deste mesmo contato quando estão com seus amigos (Nag et al., 2016). Em Forghani et al. (2014), por exemplo, os netos inqueridos mostram-se desgostosos de serem obrigados a parar as atividades que estão realizando para atender a chamadas dos avós.

É preciso promover a consciência de que uma melhoria no relacionamento entre adolescentes e adultos, em especial seniores depende em grande parte da troca de conhecimento e aprendizado mutuo e, através da conscientização dos adolescentes da importância de seus papéis neste contexto, reconstruir este canal de comunicação. Como exemplo disso tem-se dados de pesquisa realizada pela University of Southern California que mostra a diminuição da comunicação entre adolescentes com seus pais e avós frente a comunicação com pares da mesma idade (R. D. Strom & Strom, 2015).

A troca de conhecimento intergeracional existe nas relações entre avós e netos, variando em quantidade e tipo de conhecimento transmitido, de acordo com a proximidade relacional. Neste sentido, pode-se verificar a relevância do relacionamento e proximidade dos avós com os pais dos netos, seus filhos. Relações em que este relacionamento não é próximo ou enfrenta problemas, consequentemente a proximidade dos avós e netos pode ser comprometida (Forghani & Neustaedter, 2014).

Netos, especialmente os mais velhos, reconhecem em seus avós figuras importantes pelo respeito e participação no ambiente familiar e pela presença e fonte de aprendizado no âmbito pessoal. Em vista de terem maior expectativa de vida, netos, hoje, podem conviver muito mais tempo com avós e, até mesmo, bisavós, o que facilita para, por mais tempo, trocarem conhecimento (Dias & Silva, 2003). São diversos os meios de transmissão de conhecimento entre gerações, desde a troca de experiências e aprendizados diários até a troca em contexto técnico (C Kenner et al., 2008; Lee et al., 2015a).

Avós são, naturalmente, fonte de conhecimento direto, pelo ensinamento de valores e assuntos diversos, e indireto, como, por exemplo, através da educação que proporcionou aos filhos e, consequentemente e adicionalmente, aos netos. O reconhecimento dos avós como fonte de modelo de vida e pessoas importantes

também comprovam a abertura dos netos para o recebimento de conhecimento dos avós (Dias & Silva, 2003).

Em caminho contrário e complementar, os netos, em especial na sociedade moderna, apresentam a retrosocialização, o aprendizado de pais e avós através de seus filhos e netos (Buckingham (2006) as cited in Ponte, 2011). Com o aparelhamento mediático e tecnológico dos pais e responsáveis para as crianças e adolescentes, os dispositivos deixam de ser centralizadores da vida doméstica e passam a atuar como aproximador dos mais novos da sociedade, conhecimento e realidade fora de casa (Ponte, 2011).

Contudo há uma expressiva diferença em como avós e adolescentes enxergam a si mesmos quanto transmissores ou receptores de conhecimento. Quando avaliados sobre o quão seriam capazes de aprender com seus netos, avós descrevem a si mesmos como extremamente dispostos a passar pelo aprendizado, no entanto quando perguntado aos netos adolescentes se os avós aprenderiam com eles a resposta era negativa (R. Strom & Strom, 2013).

Atividades diárias são excelentes meios e motivos para a transmissão de conhecimento. Neste caso, não se trata do ensinamento bruto no qual um indivíduo transmite a informação e o outro a recebe, registra e disponibiliza para necessidade. Aqui fala-se da troca diária de experiências, aprendizados e acontecimentos, aqui, também, há a transmissão mútua de conhecimento. Netos têm especial interesse quando avós contam histórias, sejam elas ficcionais ou reais, em especial quando os avós relatam histórias de quando tinham a idade dos netos. Há, assim, a troca de conhecimento envolvendo conhecimentos históricos dos avós, sejam sobre acontecimentos mundiais ou sobre o significado de tradições e festividades (Forghani & Neustaedter, 2014).

Ainda em conversas e contatos corriqueiros, há o compartilhamento de aprendizados fora do núcleo familiar, ou seja, netos e avós conversam entre si sobre coisas que aprenderam em outras situações, desde novas habilidades e conhecimentos até a realização de algo interessante como um desenho ou outra criação. Até mesmo assuntos mundanos podem tornar-se conhecimento transmitido, como o caso de uma avó que mora longe de seu neto e explicou a ele que havia, entre eles, diferença de fuso horário ou netos que descobriram que na cidade onde os avós moravam nevava, diferente da sua cidade (Forghani & Neustaedter, 2014). Neste contexto, onde netos perceberem-se

como indivíduos únicos e com papéis sociais, em António (2010) o estudo realizado com jovens do 1º ao 4º ano de licenciatura constatou que, para estes, os netos desempenham papel, também, de auxílio aos avós, bem como mantê-los atualizados frente à modernidade.

A troca de conhecimento pode ser notada, ainda, com a finalidade de haver melhoria ou implementação de comunicação intergeracional. No estudo de Forghani & Neustaedter (2014) há o relato de avós que adquiriram novo conhecimento a fim de terem maior repertório, e mais interessante, para o relacionamento e conversa com os netos. Mais do que o conhecimento de assuntos interessantes, os avós, neste mesmo estudo, procuram conhecer mais sobre o dia-a-dia dos netos, suas características e rotina.

O mesmo autor aborda exemplos de quando os avós exercem profissões ou tem conhecimentos específicos que possam interessar ou ser importante para os netos. Por exemplo, um avô dentista que aconselhava e explicava aos seus netos as necessidades da saúde bucal e fatos interessantes da sua profissão ou a avó que se interessava pelo mundo animal, assim como seu neto, e trocavam conhecimento e curiosidades sobre o assunto (Forghani & Neustaedter, 2014).

Apesar de avós serem detentores de ferramentas e conhecimentos muito ricos para a transmissão de conhecimento diferente do histórico, constata-se que, corriqueiramente, os avós verificam-se como transmissores de conhecimento histórico e de valores morais e éticos. No entanto, atitudes de ensino como amarrar os sapatos, ensinar sobre religião e crenças e auxílio na realização de tarefas escolares mostram o cuidado e a transmissão corriqueira de conhecimento. Contudo, netos também são transmissores de conhecimento, em especial do uso de tecnologias e das diferenças entre o mundo moderno e o 'dos avós' (Mansson, 2016).

Ainda que a troca de conhecimento aconteça, em especial com netos mais novos ou já adultos, há uma lacuna de relacionamento e consequente troca, quando falamos de netos adolescentes, que precisa ser preenchida. Adolescentes, atualmente mais que em outras épocas, sofrem influência severa de seus iguais, mais ainda quando estão a formar suas identidades. Estes são mais tendenciosos a pedir a amigos e conhecidos por conselhos, segurança e informações que a pessoas mais velhas ou, por acaso, seus avós,

já que para aqueles jovens são seus pares quem mais compreende o que estão passando ou vivendo no momento. É preciso que o canal de comunicação e troca de conhecimento entre as gerações se faça novamente, através da convivência, reconhecimento do outro e autoconhecimento de limitações e facilidades (R. D. Strom & Strom, 2015).

2.4 A tecnologia nos processos de troca de conhecimento entre avós e netos

Em especial quando do relacionamento intergeracional dificultado pelo distanciamento físico, diversos estudos e plataformas foram criadas para a facilitação do contato e da troca de conhecimento (Forghani & Neustaedter, 2014; Lee et al., 2015a; Nag et al., 2016; Rodriguez et al., 2015; Sawchuk & Crow, 2012). Inclusive, neste momento é comum que haja troca de conhecimento para o manuseio das ferramentas, como netos (ou outros membros da família) auxiliando os indivíduos mais velhos com a utilização dos dispositivos (Forghani & Neustaedter, 2014).

Em estudo específico para relatar a troca de conhecimento entre avós e netos quando no manuseio de computadores. Aferiu-se um fluxo constante de conhecimento, onde avós e netos, combinam seus recursos para completar as tarefas a eles designadas. Observou-se, ainda, uma constância em que avós forneciam a seus netos informações e conhecimento em alfabetização e matemática e, em contraponto, os netos ajudavam no manuseio da ferramenta tecnológica. Além disso, um interessante fator foi observado em todas as famílias estudadas: os avós, para além da ajuda técnica educacional, auxiliavam seus netos a manterem o foco e concentração para completar a tarefa (Charmian Kenner et al., 2008).

Ainda em Kenner et al. (2008) durante a análise dos vídeos das interações pode-se notar o constante contato físico e o olhar dos avós e netos sempre a prestarem atenção e cuidado com o próximo. Além do papel de orientadores e apoiadores durante o processo de troca, os avós mostraram-se grandes incentivadores, recompensando seus netos a cada etapa realizada, fosse com gestos ou falas. A troca de conhecimento dava-se de maneira muito clara quando os netos se apoiavam, sempre, no conhecimento didático e histórico dos avós e, em caminho contrário, os netos davam suporte no uso das ferramentas especificamente.

Como o estudo realizado por Abdullah et al. (2011) que, através da introdução de um dispositivo tecnológico criado para este fim, pode constatar a presença de filhos e netos como transmissores de conhecimento, no auxílio de seniores. Ainda, no estudo de Colombo et al. (2014) em que, ao avaliar o consumo de TICs entre seniores, especialmente mulheres, pode-se verificar a participação de familiares mais novos no aprendizado da utilização das mesmas. Verificou-se, ainda, que a troca de conhecimento está diretamente relacionada à qualidade de vida dos avós.

Contudo, nem sempre a tecnologia é instrumento de aproximação, podendo ser o distanciamento intergeracional uma outra consequência possível à introdução das TIC. Nas sociedades modernas a utilização de novas tecnologias é feita como ferramenta de aproximação e distanciamento do outro, especialmente outra geração. E neste contexto os dispositivos tecnológicos são também figura de meio e motivo de troca de conhecimento, desempenhando papel de aproximação, mas, também de afastamento quando em relacionamento (Nag et al., 2016).

Com o passar dos anos, especialmente nos últimos 100, diferentes experiências moldaram a sociedade atual, guerras a migração do campo para as cidades, de modo que as gerações que cresceram e vivenciaram este período, passaram por profundas transformações. O processo e hábito de armazenamento de memórias, por exemplo, mudaram consideravelmente nos últimos anos. O que antes trazia-se em fotografias, cartas e na memória em si, hoje traz-se em HDs externos e alguns arquivos de computador. Mesmo o sentimento de dever guardar a memória por sua riqueza simplesmente, atualmente se percebe perdido (Braez, 2012).

A troca de conhecimento, contudo, é uma via de mão dupla e pode-se notar contributos em ambos os lados. Naturalmente tende-se a crer que avós ensinam aos netos apenas coisas não tecnológicas, já que a geração mais nova seria já fluente nesta questão. Contudo, há caso que se destaca em que o conhecimento pode ser transmitido em via contrária: uma neta criou interesse por um assunto específico e desejava criar um website para falar sobre este assunto; sabendo que sua avó tinha um blog, pediu a ela conselhos e dicas sobre o assunto. Claramente, neste exemplo, percebe-se que o domínio de um tema não, necessariamente, exclui contributo de outros para sua compreensão (Forghani & Neustaedter, 2014).

Muitas vezes, inclusive, o pré-conceito com a idade e a possível falta de conhecimento pode limitar ou até impedir a contribuição mútua. Em questionário de graduação do papel dos avós na vida dos netos, Hurme, Westerback e Quadrello (2010) observam uma parcela de avós que se consideram muito velhos para contribuir de alguma maneira na vida dos netos. Contudo, esta perspectiva pode ser contraposta com estudos como António (2010) no qual os netos jovens discordam com a afirmação de que avós podem ser antiquados para ajuda-los ou ensina-los algo.

A troca de conhecimento acontece com intensidade e significado entre avós e netos e, considerando as TIC e dispositivos tecnológicos mais especificamente, é possível afirmar que a troca acontece quando cada um dos participantes possui ferramentas úteis ao processo. Avós, ainda que em alguns momentos, não estejam tão familiarizados às novas tecnologias passam a seus netos lições e aprendizados que adquiriram com a experiência e o passar dos anos. Da mesma maneira, netos, para além de poderem fornecer a seus avós informações técnicas dividem conhecimento e reconhecimento frente às questões (C Kenner et al., 2008; Lee, Liang, Park, & Yan, 2015b; Nag et al., 2016).

Avós, em diversas culturas e por muitos anos são vistos como importantes figuras na transmissão de conhecimento (Lee et al., 2015b). Contudo, a modernidade e a introdução das TIC no cotidiano das pessoas entregam aos netos uma valiosa ferramenta de troca, onde, neste momento, passam a ser detentores de conhecimento e, por sua vez, transmissores do mesmo. Neste contexto – ainda mais se tratando de netos adolescentes – os avós podem acabar por perder poder de troca quando, em uma sociedade moderna, a internet e as TIC podem, em teoria, fornecer o conhecimento que, outrora, só se adquiria com a vivência (Nag et al., 2016; Rempusheski et al., 2012).

Aprendizado e ensinamento são a quinta característica prazerosa apontada pelos avós no desempenho de seus papéis, os mesmos percebem-se como professores primariamente, mas, aos poucos, começam a reconhecer em seus netos detentores, também de conhecimento. Neste sentido, percebe-se que vem de seus netos os maiores ensinamentos sobre manuseio com a tecnologia e o mundo atual (Mansson, 2016).

2.5 Documentários diretos e verdade no relacionamento intergeracional

Conforme pré-estabelecido, a partir da análise da literatura existente e junto aos dados coletados e analisados pela investigação atual, dever-se-á produzir um artefato audiovisual. Tal produção deverá ser voltada a representação audiovisual da troca de conhecimento entre avós e netos no contexto do uso de dispositivos tecnológicos, com enfoque especial às atividades desenvolvidas. O artefato, documentário, deverá retratar como a troca de conhecimento ocorre em ambiente formal e informal e de que maneira os dispositivos tecnológicos atuais interferem nesta troca. Mais ainda, procura-se mostrar como as partes envolvidas percebem e absorvem essa troca e sentem-se emocional e fisicamente relacionados a esta.

O termo documentário surge em 1926 após a produção cinematográfica de Robert Flaherty na qual registrava atividades cotidianas de esquimós. Tal terminação surge frente ao francês *documentaire* que denominava os filmes de viagem e representa o tratamento da realidade de forma criativa. No entanto, os primórdios do cinema – no qual os irmãos Lumière retrataram cenas cotidianas – já apresentava o formato do que hoje chamamos documentário. Este tipo de obra, documentária, é a construção audiovisual realizada através do registro de personagens – protagonistas reais, sujeitos da ação –, situações e fatos baseados em um mundo real atual ou passado. O documentário é a perspectiva individual do realizador frente à informações coletadas no mundo real, a ambientação realista – ou próxima disso – e um roteiro pré-determinado (Lucena, 2012).

São os documentários os principais meios de transmissão de memória e manutenção da expressão de um povo, comunidade e indivíduo (Tomaim, Marconi, & Dalenogare, 2013). Este formato audiovisual pode ser dividido em duas categorias: discurso direto, no qual o diretor, a voz de narração e linearidade, fala com o expectador; e o discurso indireto, no qual não há narração direta, a história se relata por si só. Em evolução aos conceitos explorados, surge, nos anos 50 os conceitos de cinema direto, norte americano, e cinema-verdade, francês (Lucena, 2012).

Em cinema direto tem-se como importante representante e precursor “Primárias” de 1960 que acompanhou a campanha presidencial de John Kennedy, assim, este conceito procura capturar a realidade crua como é vista, sem interferência da produção ou

encenação dos personagens. Em cinema-verdade a presença da câmera é fundamental e, mais do que isso, explorada. Neste conceito a interferência da equipe de produção é constante e todo o captado passa por discussão. Partindo-se dos conceitos apresentados é importante frisar que a construção do documentário, ainda que tendo como ponto de partida a realidade, advém de conceitos, escolhas e subjetividades particulares ao documentarista (Lucena, 2012).

O principal diferenciador entre o documentário e o filme de ficção é que o segundo permite ao produtor um maior controle do que acontecerá previamente a sua produção deixando ao momento de montagem uma reprodução fiel – ou próximo disso – do que foi pré-definido. Enquanto isso, documentários, em especial os diretos, são característicos quanto a criação de um roteiro pós captação de material, para, neste momento, definir a montagem do filme. Considerando a base de criação e captação de documentário há dois tipos que exploram a relação do mesmo com a ficção, docudrama no qual é representada dramaticamente a realidade, e do documentário quanto ferramenta de reflexão através do distanciamento da realidade, documentário reflexivo (Soares, 2007).

A estrutura de criação e produção de documentário tem forte relação com a estrutura ficcional, mas se diferencia em aspectos bastante particulares. Em documentários é importante, por exemplo, que o argumento já seja pré-estabelecido, sem que o produtor espere que este surja naturalmente, contudo, é apenas gradualmente que o produtor ganha controle da concepção do filme (Soares, 2007).

A construção de um documentário parte da necessidade, como em qualquer produção audiovisual, da capitalização de verba para investimento. Para tal, é imprescindível que antes de qualquer coisa haja uma pesquisa prévia do tema a ser abordado e a elaboração de uma proposta de apresentação e venda do projeto. Em seguida, após a aprovação da proposta de filmagem, faz-se uma pesquisa ainda mais aprofundada do tema e contexto a ser documentado. Neste momento o documentarista deverá aprofundar seu conhecimento e, mais ainda, conhecer e definir os aspectos possíveis e vantajosos para o projeto – como locações, materiais interessantes e personagens –, bem como providenciar e alinhar assuntos jurídicos pertinentes (Soares, 2007).

A roteirização, neste formato audiovisual, é grande auxiliador no fio condutor do que virá, ainda que seja essencialmente diferente do roteiro de ficção: parte-se da escolha do tema, com a escolha dos personagens, locações, enquadramentos, sonoplastia, entre outros detalhes. Todo este processo fornece ao documentarista uma noção mais detalhada e precisa da sua realidade e potencialidade, mas não é imprescindível bem como possível, diversas vezes. O argumento sim, bem como na produção ficcional, é possível e necessário para uma produção documental e conta com 6 questões bem definidas: o que o documentário trará, quem serão os personagens, quando acontecerá a documentação, onde se dará a produção, como o assunto será abordado e porquê de ser importante retratar esse contexto/realidade (Soares, 2007).

O personagem em situação de entrevista é um dos possíveis para a realização de documentários e “a entrevista está para o documentário assim como a encenação está para o filme de ficção” (Soares, 2007). Alguns documentários tratam a entrevista como principal sustentação e fio condutor da história, na qual a oralidade dos entrevistados descreve ações, momentos e sentimentos, são os chamados *talking heads*, como utilizado por Eduardo Coutinho. Em contraponto à entrevista, diversos documentários optam pela encenação de ações cotidianas aos personagens, quebrando, assim, a monotonia possível do *talking heads*. Neste formato a possibilidade de estar constantemente conectado ao personagem é muito interessante para a quebra da rotina de enquadramento, por exemplo, mas exige do documentarista muito cuidado nos limites da violação da privacidade ou da forçosa encenação e desconforto do personagem (Soares, 2007)

A investigação atual proposta deverá utilizar-se de materiais/dados coletados em entrevistas pessoais e atividade gamificada para desenvolver o material documental audiovisual. Assim, Eduardo Coutinho é grande nome no cenário brasileiro de documentários e referência para a autora do estudo proposto. Neste sentido, é com base em uma entrevista com o produtor e diretor que Frochtengarten (2009) explora o uso de entrevistas pessoais como base para a criação de documentários.

Coutinho assina suas obras com uma linearidade estética e lógica, todos os seus projetos são compostos, basicamente, pela reunião de entrevistas pessoais, nos quais os personagens/participantes descrevem sua realidade. Nestas entrevistas, realizadas por

Eduardo Coutinho pessoalmente, pode-se perceber que o diretor-personagem é agente fundamental na transformação da realidade retratada. Sobre o que, mais profundamente, todos os seus documentários são marcados pela presença e participação de pessoas ligadas por um espaço geográfico, a vivência de um evento ou trabalho. Marcadas pela reprodução e exploração de realidades distantes – física e conceitualmente – a realidade dos produtores, é, assim, diferente de apenas uma representação do que foi apreendido e estudado por terceiros (Frochtengarten, 2009).

As entrevistas como base para a produção audiovisual são interessantes quando, neste contexto, o entrevistador é imerso no ponto de vista, vivência e comprometimento do outro e com o outro. Segundo Coutinho, em sua entrevista para Frochtengarten (2009), o diretor não necessariamente realiza entrevistas com seus personagens, mas, sim, conversa com eles a fim de compreender e receber suas realidades, independente da veracidade do que é relatado.

Coutinho aborda, ainda, a transcrição de entrevistas como um grande cerceador da fidelidade ao que foi relatado. Para o diretor, transcrever uma entrevista acaba alterando, ainda que minimamente, seu significado e conotações (Frochtengarten, 2009).

A escolha de personagens comuns, sem imagem ou presença na agenda pública, é feita com base na ausência de autodefesa e, conseqüente, fluidez e despreocupação na troca. Neste sentido, o diretor aponta que a presença da câmera, por si só, já pode alterar de alguma forma a história e/ou o comportamento da personagem. Para Coutinho esta mudança de comportamento ou relato acontece naturalmente frente às crenças e vivências do personagem. Um fator determinante para a mudança da realidade quando narrada pelo personagem é a perspectiva do entrevistador/diretor. São diversos os casos em que a preconcepção ou o pré-conceito do profissional acaba moldando o discurso do entrevistado (Frochtengarten, 2009).

Personagens comuns, sem imagem pública, são escolha interessante para a produção de um documentário. No caso do estudo elaborado, frente ao comprovado envelhecimento da população mundial e, percebendo a necessidade de se compreender melhor o envelhecimento e a relação deste na sociedade moderna, diversos materiais audiovisuais tratam do tema e instauram uma nova narrativa. Desde entrevistas

peçoais com avós ou idosos, até o uso de humor para abordar temas polêmicos, como a saúde pública, muito material pode ser encontrado atualmente no qual o envelhecimento e a experiência de ser, ou ter, avós, é explorada.

As produções assumem os mais variados formatos. Através de câmeras fixas para manter a naturalidade e não interferir no discurso a ser gravado, ou móveis para que cada detalhe seja captado e possa haver contato mais próximo entre o espectador e o personagem ou entrevistado. Utilizando-se de narrativas e estratégias diversas como entrevistas, animação ou documentário, são vários formatos para garantir que a mensagem final seja transmitida. As diferenças entre as épocas e as gerações; o relacionamento intergeracional em si, sua importância e como é percebido pelas partes envolvidas; quais os desafios dos cidadãos seniores encontrados quando se deparam com as novas tecnologias e quais suas perspectivas para o futuro, são os temas mais abordados nos materiais encontrados.

As perspectivas mais comumente abordadas são: memórias apresentadas e/ou deixadas por avós e seniores e a esfera pública e privada com a preocupação de compreender e conviver com a nova realidade e os desafios encontrados pela população envelhecida, nos dias atuais. Diversos netos apresentam a perspectiva de seus avós da infância de outrora em comparação com a atual. Quando crianças, os idosos de atualmente, viviam uma realidade completamente diferente da que hoje é proposta; com diferentes artefatos e dispositivos (Fagundes, 2015; T Mobile, 2015), diferentes costumes e tradições (Braez, 2012; Canal Futura, 2016b), bem como diferentes maneiras de ser avô ou avô (Braez, 2012; Simões & Fonseca, 2015).

O encontro e convivência entre gerações faz-se mais importante na atualidade que em qualquer outro momento da história. Reflexo disso é o alargado número de artefatos audiovisuais que abordam esta convivência. Por exemplo, em toda a Europa os avós interpretam um importante papel no cuidado com seus netos pequenos, em especial para possibilitar aos filhos, especialmente filhas, que trabalhem. Para os avós, mais que o cuidado e contato com os netos, a disponibilidade para fazê-lo os permite contribuir para que os filhos sejam bem sucedidos em sua educação e carreira (Grandparents Plus, 2014). Contudo, será preciso que as instituições capacitem melhor seus agentes sociais para o relacionamento e tratamento com cidadãos seniores. Em vista de, normalmente,

para os jovens, seniores são os familiares ou desconhecidos que, por ausência de laços afetivos, são logo vistos como estorvo à sociedade. (Canal Futura, 2016d).

A sociedade ainda não reconhece a importância do papel social e experiência dos idosos. A família, muitas vezes, vê no sênior um problema que precisa ser administrado em prol de os mais jovens poderem trabalhar. Ainda é recente o envelhecimento saudável e, mesmo com idosos doentes, nunca antes se viu a humanidade chegar a idades tão elevadas (Canal Futura, 2016c). Frente a isso, e a fim de mudar a realidade dos jovens com o envelhecimento, algumas entidades iniciam um processo de educação da sociedade. Um lar para idosos em Seattle, Estados Unidos, reúne, diariamente cidadãos seniores e crianças em suas instalações. A principal intenção da iniciativa é promover, nos idosos e crianças, um senso de comunidade e o sentimento de que ali funciona um espaço de convivência. Além disso, a convivência possibilita que os mais velhos tenham um pouco de animação e jovialidade em seu dia a dia e, com isso, lembrem-se de serem pais, lembrem-se que estão vivos naquele momento. E, mais importante enfatiza e ensina às crianças que mesmo sendo idoso, ou não, portador de necessidades especiais, ou sofrer de doenças graves, todos que ali estão, são seres humanos (The National, 2015).

O cidadão sênior, atualmente, é muito curioso e anseia por obter novos conhecimentos contemporâneos e, usualmente, aprende a gostar das tecnologias a medida em que descobre as possibilidades e facilidades desta nova ferramenta. Os dispositivos tecnológicos se tornam um novo hobby para os idosos, assim como para as gerações mais novas. Abandona-se alguns hábitos em detrimento dos novos. A tecnologia tem ajudado muitos cidadãos seniores a entrarem na terceira idade sem um grande choque, é um meio de aproximação entre as gerações. Se idosos conseguem se familiarizar com as novas tecnologias é mais fácil afastar-se do isolamento, não apenas geográfico, mas emocional. Trata-se de uma aproximação de mentalidades, do pensamento adulto de produção e hiperatividade ao idoso (Canal Futura, 2016a).

Um dos fatores que explica o distanciamento da maioria dos cidadãos seniores do uso das TIC vem de dificuldades na aprendizagem e manuseio dos dispositivos, bem como o paradoxo entre a lentidão própria da idade e a aceleração que o tempo moderno exige e traz. Há um misto de seniores altamente literados nas novas tecnologias e que se

mantém participativos na inclusão destas tecnologias, mas não é familiarizados ao manuseio delas (Canal Futura, 2016a). Além disso, as novas tecnologias não foram desenhadas ou projetadas pensando nas dificuldades de nova aprendizagem, ou seja, aqueles não nativos da era tecnológica na qual vive-se atualmente, acabam ficando à margem da sua utilização. Diferente dos jovens e crianças que nasceram durante ou após o surgimento das TICs, os idosos não receberam literacia básica durante seu processo de desenvolvimento e amadurecimento. De repente aquilo a que já se estava habituado passa a ser obsoleto e uma nova tecnologia faz-se obrigatória e necessária (Dorman, 2011).

Neste contexto, em que é preciso haver uma transição, um apoio, entre o que foi aprendido e o que se torna indispensável saber, avós buscam ajuda dos mais novos. Contudo, ainda que haja o ensinamento do uso das novas TIC, para alguns ainda é bastante difícil absorver e aplicar o conhecimento no dia-a-dia. Por outro lado quando seniores dominam minimamente as ferramentas ou dispositivos aprendidos, mesmo a utilização corriqueira destoa da que os jovens fazem na atualidade. Por exemplo a utilização de aplicativos de reconhecimento de voz no qual idosos – talvez por limitações físicas – não compreendem o volume adequado de utilização, entre outros (Rivera, 2016).

Entretanto, o inverso também é verdadeiro, quando apresentados às tecnologias do passado, as gerações mais novas frustram-se por não conseguir, com facilidade, o manuseio (T Mobile, 2015). Não só através do aprendizado do novo, a troca de conhecimento acontece entre avós e netos, a transmissão também é feita no caminho contrário, quando o avô, ou avó, assume o papel de detentor do conhecimento e ensina ao neto. Neste sentido, uma mudança clara, no decorrer da vida, pode ser observada: após o crescimento e amadurecimento do neto, e com o passar das gerações e épocas, uma sociedade cada vez mais tecnológica e dinamizada acaba por deixar de se interessar pelo conhecimento adquirido. Trata-se de um processo natural que faz com que tenhamos tudo em uma velocidade e praticidade nunca antes vista, assim, sem precisar aguardar ou elaborar a espera de algo, não nos interessamos mais pela construção lenta do saber (Seiler, 2015).

Uma parcela das gerações mais jovens começa a perceber a importância, social e econômica, do cidadão sênior na sociedade e inicia um movimento de reconhecimento, respeito e transmissão de conhecimento. É o caso do jovem Jonas Pariente que, após a morte de sua avó materna, percebe o quanto aprendeu e aprende com os avós, e cria o Grandmas Project, um projeto colaborativo que convida jovens profissionais e estudantes do audiovisual a filmar receitas de suas avós (Pariente, 2015).

Muitos outros jovens, especialmente depois da adolescência, começam a reconhecer o papel de seus avós em suas vidas e valorizar o que foi aprendido. Moral e valores são os ensinamentos mais lembrados e valorizados, mas vai além disso, desde a paixão por alguma atividade, ou o trato diário com a casa, ou a condução de veículos, hoje netos começam a perceber que o conhecimento adquirido é tão ou mais valioso que o encontrado em outras fontes.

O envelhecimento, na sociedade, ainda é pouco abordado e reconhecido. Em especial pela desconstrução do real conceito de envelhecimento como processo natural e a inclusão do pensamento da continuidade da vida adulta. Como Thomas (2009) expressa, em sua palestra “What are old people for?”, de maneira bastante poética, a perda do reconhecimento da velhice e sua importância e validade.

O envelhecimento é intrínseco à nossa humanidade. Envelhecer não é uma terrível tragédia ou azar, mas sim, parte da nossa natureza. (...) E por que esta cruzada contra o envelhecimento? Em muitas culturas, em muitas épocas, a vida humana é dividida em diversas etapas, mas usualmente temos a infância, vida adulta e algo além da maturidade, a velhice. Por outro lado, vivemos em uma época em que os limites da maturidade, da vida adulta, se perderam. Esta é o problema fundamental que nos atinge de diversas maneiras. A vida adulta se estende de uma maneira e pressiona, como um tumor, a infância e a velhice. (...) Nossa sociedade vive com a terrível ilusão de que a vida adulta dura para sempre. (...) A única maneira aceitável de envelhecer é agir, trabalhar, andar, se vestir e falar como uma versão de você que existiu há 30 anos atrás. Se você se comporta como uma pessoa da sua idade, a sociedade identifica esse padrão como um fracasso do indivíduo. Bons idosos são idosos que se parecem, muito, com pessoas jovens (Thomas, 2009, pt. 3’30”).

3 PARÂMETROS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

3.1 Introdução

Este capítulo apresenta o desenho da investigação. Da seleção dos participantes para a constituição do grupo de estudo, aos momentos empíricos de recolha de dados e ao tratamento e análise desses dados, o capítulo descreve os parâmetros metodológicos adotados.

A ordem pela qual se sequenciam as secções que se seguem, corresponde à cronologia dos eventos ligados à realização do estudo, no sentido de facilitar ao leitor a compreensão do processo investigativo.

3.2 Desenho da investigação

O estudo aqui apresentado foi desenhado de maneira a observar o comportamento de avós e netos. Observou-se, durante o estudo como os participantes, avós e netos, transmitiam conhecimento quando na presença de dispositivos tecnológicos, em ambiente formal e informal.

Foram propostas duas fases de recolha de dados: a primeira um jogo no qual avós e netos, em duplas ou trios, participariam e, a segunda, entrevistas individuais com os participantes.

A atividade gamificada, primeira fase de recolha de dados – realizada entre os dias 21/04/2017 e 08/05/2017 – tinha como principal intenção a observação da troca de conhecimento em ambiente formal. Tratava-se de um jogo, baseado no modelo *escape room*, no qual os participantes eram apresentados a uma narrativa. Tal narrativa introduzia às duplas, ou trios, uma história que solicitava dos participantes a entrada em uma sala e a resolução de uma série de pistas. Para a conclusão da tarefa/jogo, os participantes deveriam desvendar as pistas, através da utilização de dispositivos tecnológicos e conhecimento histórico, em geral.

A segunda fase de coleta de dados, entrevistas individuais – realizadas entre os dias 22/04/2017 a 19/05/2017 – visou a compreensão e reconhecimento do relacionamento intergeracional, consumo de tecnologia e de como a troca de conhecimento era

realizado entre avós e netos, em ambiente informal. Nesta etapa foram agendados encontros, de cerca de uma a duas horas, com cada uma das duplas em suas residências. Para a entrevista criou-se um roteiro semiestruturado e todo o processo foi gravado. Os pontos abordados foram: informações sociodemográficas, consumo tecnológico, informações do relacionamento familiar e intergeracional e percepções a respeito da atividade gamificada realizada.

Após as etapas de coleta dos dados, os mesmos foram tratados e analisados. Em seguida ao tratamento e análise dos dados, as imagens coletadas foram assistidas, separadas e editadas a fim de se produzir um documentário. Tal documentário busca apresentar e divulgar o conteúdo e contexto do estudo realizado, bem como expressar o universo emocional dos participantes.

3.3 Seleção do grupo de estudo

Frente à questão de investigação “De que forma os dispositivos tecnológicos interferem, se o fazem, na troca de conhecimento entre avós e netos? ”, buscou-se um grupo que abrangesse as duas perspectivas, do relacionamento intergeracional familiar, avós e netos. Frente a isso e considerando limitações, ferramentas e conhecimentos disponíveis, a seleção do grupo de estudo deu-se, sobretudo por conveniência, especialmente por indicação dos participantes já selecionados e indivíduos próximos à equipa de investigação.

Inicialmente fez-se um esforço através de redes sociais, nomeadamente Facebook, e contato com instituições de Aveiro voltadas ao atendimento de cidadãos seniores, nomeadamente, a Junta de Freguesia da Vera Cruz, o Centro Comunitário da Vera Cruz, Florinhas do Vouga, Centro de dia da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, Casa da Juventude e Academia de Saberes. Em cada uma das instituições foram afixados cartazes e panfletos, como ilustra a Figura 1, para angariação de participantes.

No entanto, após o baixo retorno de interessados, iniciou-se a busca por participantes nos círculos de amigos e conhecidos mais próximos à equipa de investigação.



Figura 1 | Cartaz e panfletos disponibilizados

Assim, procurou reunir-se um grupo de avós, a partir dos 60 anos de idade, e respetivos netos, entre os 10 e os 18 anos de idade, que mostrassem interesse e disponibilidade em participar da investigação e que, cumulativamente, tivessem rotinas de convivência, possuísem dispositivos tecnológicos ou tivessem já tido possibilidade de contato com os mesmos, evidenciando níveis mínimos de literacia tecnológica.

Foram selecionados, por fim, 17 indivíduos que cumpriam os requisitos pré-estabelecidos, correspondendo a 8 avós e 9 netos (uma das avós, Maria Olga, participou no estudo com 2 netas, Eneiva e Íris).

Os avós selecionados compreendiam um grupo de sete mulheres e um homem, com escolaridade diversa – tendo a maioria, 5 indivíduos, cursado acima do 4º ano –, possuíam e utilizavam ao menos um dispositivo tecnológico e tinham literacia básica no uso destes e com idades variáveis entre os 63 e 74 anos, como apresentado na Tabela 1 | Avós selecionados para o estudo

Nome avó (ô)	Idade	Sexo	Escolaridade	Possui dispositivos	Grau de conhecimento
Arminda	66	F	4º ano	Sim	Baixo
Joaquina	63	F	4º ano	Sim	Baixo
Jorge	72	M	Técnico	Sim	Médio
Maria do Rosário	66	F	Bacharelato	Sim	Médio
Maria Elisabeth	69	F	Superior	Sim	Alto
Maria Fernanda	68	F	Bacharelato	Sim	Médio
Maria Olga	74	F	Bacharelato	Sim	Baixo
Sônia	67	F	4º ano	Sim	Médio

Tabela 1 | Avós selecionados para o estudo

Já em relação ao grupo de netos tínhamos um grupo de nove participantes – duas irmãs entre eles – sendo estes sete meninas e dois meninos, possuíam e utilizavam ao menos um dispositivo tecnológico e tinham literacia básica no uso destes e com idades variáveis entre os 10 e 17 anos – sendo a maioria dos participantes na casa dos 10 a 12 anos – conforme Tabela 2.

Nome neto (a)	Idade	Sexo	Escolaridade	Possui dispositivo?	Grau de conhecimento
Ana Carolina	12	F	6º ano	Sim	Baixo
Beatriz	12	F	6º ano	Sim	Médio
Eneiva	16	F	11º ano	Sim	Alto
Íris	10	F	5º ano	Sim	Médio
Margarida	10	F	4º ano	Sim	Médio
Morgana	10	F	5º ano	Sim	Médio
Pedro	12	M	6º ano	Sim	Alto
Tomé	17	M	12º ano	Sim	Alto
Valentina	10	F	4º ano	Sim	Alto

Tabela 2 | Netos selecionados para o estudo

Os participantes selecionados, a fim de cumprirem com o propósito do estudo, a observação da participação dos dispositivos tecnológicos na troca de conhecimento entre avós e netos, deveriam, primordialmente, ter uma rotina de relacionamento com os netos. Para tal fez-se mais um filtro para que ficasse certo que os participantes selecionados cumpriram com o proposto. Conforme a Tabela 3 apresenta, em termos de proximidade habitacional e frequência de contato, todos os participantes moravam na mesma cidade que a outra geração e possuía frequência semanal de encontros igual ou superior a 3 vezes na semana – o que assegura um contato frequente.

Avó ou Neto	Nome	Proximidade habitacional	Nº de encontros semanais
Avó	Joaquina	Mesmo bairro	3
Neta	Margarida		
Avô	Jorge	Mesmo bairro	6
Neto	Pedro		
Avó	Arminda	Vizinhas	6
Neta	Ana Carolina		
Avó	Sônia	Mesma casa	7
Neta	Valentina		
Avó	Maria Olga	Mesma cidade	4
Neta	Íris		
Neta	Eneiva		3
Avó	Elisabeth	Mesmo bairro	6
Neto	Tomé		
Avó	Rosário	Vizinhas	6
Neta	Beatriz		
Avó	Fernanda	Mesma cidade	5
Neta	Morgana		

Tabela 3 | Frequência de relacionamento entre avós e netos

Após a seleção e caracterização dos participantes, deu-se início à marcação dos encontros para a coleta dos dados. Para isso, cada uma das duplas, ou trios, foi contatada para a validação da sua participação, bem como o agendamento dos encontros que se sucederiam para a recolha de dados.

3.4 Técnicas e instrumentos de recolha de dados: desenvolvimento e validação

Este estudo tem como objetivo último, a produção de um documentário que explore os processos de troca de conhecimento entre avós e netos, bem como forma como os dispositivos tecnológicos interferem nesses processos. Desta forma, é objetivo fundamental do estudo compreender de que maneira a troca de conhecimento intergeracional é afetada pela presença de dispositivos tecnológicos.

Através da observação de comportamento no contexto da atividade gamificada e da análise qualitativa de entrevistas individuais, visou-se a recolha de informações como:

- Dispositivos tecnológicos utilizados e de que maneira e para qual fim se faz essa utilização;

- Se e como os dispositivos utilizados induzem a troca de conhecimento;
- Qual o papel que os dispositivos tecnológicos assumem nos processos de troca de conhecimento (motivadores da troca ou apenas mediadores de diálogo e relacionamento).

Para além disso, durante os momentos empíricos de recolha de dados, foi reunido material audiovisual pertinente para a construção de um documentário.

Em prol da validação dos instrumentos de recolha de dados e dos processos de aplicação dos mesmos, realizou-se um estudo piloto.

Em relação à atividade gamificada, a validação deu-se com 3 duplas diferentes, nomeadamente, duas duplas de jovens, com idades entre os 17 e 20 anos – para validação do mecanismo de funcionamento – e uma dupla com um sênior, de 63 anos, e um jovem, de 17 anos – para validação da possibilidade da troca de informações e nível de dificuldade. Após realizarem a atividade, foi solicitado aos participantes que apontassem falhas, necessidade de mudanças e dificuldades que tivessem tido.

Na sequência desta aplicação piloto da atividade gamificada foram feitos alguns ajustes, tais como alteração da disposição de alguns artigos na sala e atenção a alguns pontos de funcionamento, como dinâmica de pedido de ajuda à investigadora, mas, sobretudo, os participantes nesta etapa elogiaram a atividade proposta.

Por uma questão logística, não foi possível aplicar as entrevistas a estes participantes na atividade gamificada. Assim, e para a validação do roteiro de entrevistas, fez-se uma aplicação do mesmo a uma dupla de avó e neta com, respetivamente, 60 e 11 anos de idade. Antes de se introduzirem as perguntas, foi explicado o contexto da entrevista e foi expressamente solicitado que, caso sentissem que algo precisava ser mudado, que nos dessem a sua opinião.

As perguntas revelaram-se adequadas à recolha dos dados necessários, tendo sido necessários apenas alguns ajustes à linguagem ou na ênfase no momento de perguntar.

No entanto, e uma vez que esta dupla não tinha realizado a atividade gamificada, algumas questões não puderam ser validadas, pelo que apenas foi possível verifica-las e ajustá-las durante o estudo principal.

3.4.1 Atividade 1 | Atividade gamificada

A atividade gamificada proposta baseou-se nos jogos de tipo *Escape Room*: jogos presenciais em que uma equipe de jogadores, através de pistas, charadas e tarefas, busca soluções que se complementam, em um tempo determinado, para sair de uma sala fechada. Usualmente, o desafio se inicia com os jogadores em revista à sala para encontrarem pistas que os levem a novos desafios e, conseqüentemente, conseguir sair da sala. Tal formato explora o trabalho e comunicação em equipe e faz com que os seus membros, forçosamente, contem e compartilhem uns com os outros. Além disso, a atividade mostrou-se bastante interessante no caso da investigação, pois permitiria que diferentes sexos e faixas-etárias interagissem nas tarefas. Teve-se em mente que as equipes que melhor se saem durante o jogo são aquelas com jogadores de diversas idades, sexos e *backgrounds* (Nicholson, 2015).

No caso da atividade gamificada realizada, foi proposto que as equipes de avós e netos – 7 pares e um trio – se reunissem, cada uma a sua vez, e tentassem, através do uso de dispositivos tecnológicos, sair do espaço. Nesta atividade os participantes contaram com dispositivos tecnológicos à sua disposição e, através da utilização destes – por meio da leitura de QR codes no espaço, fotografias e uso de aplicações – encontraram uma peça chave que os permitia cumprir a tarefa e deixar a sala. O objetivo da atividade foi confrontar os avós e netos com problemas, para os quais, juntos, deveriam encontrar uma solução.

Para que fosse mais realista e envolvesse de fato os participantes, criou-se uma narrativa que justificasse e orientasse a participação das duplas na atividade. Foi entregue a cada uma das duplas um texto (Anexo 1) com a história por trás da sala em que estavam a entrar. De acordo com a história criada, Portugal sofreu um ataque biológico e alguns cidadãos estavam infectados por um vírus que se ativava através do uso de tecnologia. O antídoto para esse vírus encontrava-se escondido no gabinete de um reconhecido cientista Português (e que correspondia à sala em que decorria a atividade) e, para o descobrirem, as duplas, ou trio, tinham que seguir as pistas e desvendar os enigmas.

Porém, antes de entrarem no gabinete, o resultado de análises sanguíneas feitas pelo governo Português (Anexo 2) revelava que o neto (a) estava contaminado pelo vírus e, por isso, não poderia manusear nenhum dispositivo tecnológico. Pretendeu-se, desta

forma, contextualizar a obrigatoriedade de serem os avós a terem que manusear o celular que era entregue à dupla, antes da entrada na sala, juntamente com a primeira pista para o início do jogo.

Ainda, para apoio às atividades e possibilidade na realização de algumas provas e pistas da sala, foi criado uma página no Facebook, sobre o nome “Troca de Conhecimento Intergeracional”, Figura 2.



Figura 2 | Página 'Troca de Conhecimento Intergeracional' no Facebook

A sala para a atividade

A atividade realizou-se em uma das salas do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro e possuía cerca de 18 m². Dentro da sala, a equipe de investigação dispôs artefatos e decoração para que se assemelhasse ao gabinete abandonado de um cientista. Dividiu-se o ambiente em três espaços diferentes e cada um apresentava um grupo de pistas e artefatos que suportavam a narrativa apresentada.

O primeiro espaço, 'O balcão de trabalho', conforme se pode observar na Figura 3, continha a primeira e segunda pistas e, neste espaço, os participantes encontravam um

microscópio, pipetas, aquecedor de água, tabela periódica e outros artigos que os cientistas utilizam. Alguns detalhes do balcão podem ser observados na Figura 4.



Figura 3 | Balcão de trabalho do cientista

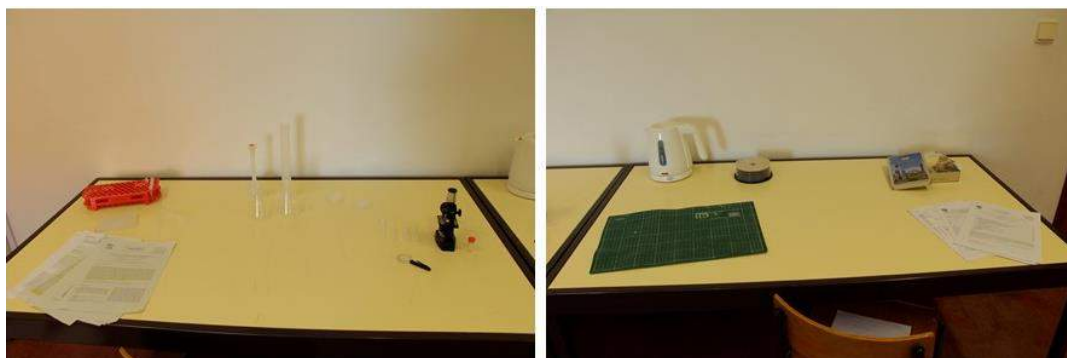


Figura 4 | Detalhes do 'Balcão de trabalho do cientista'

O segundo espaço do gabinete, 'A secretária', conforme se pode observar nas Figura 5 e Figura 6 continha a quarta pista, uma máquina de escrever, luminária, pastas e documentos e um telefone.



Figura 5 | Secretária do cientista



Figura 6 | Detalhes da 'Secretária do cientista'

O terceiro e último espaço do gabinete, 'O cacifo', como mostra a Figura 7, continha o antídoto e imagens de grandes nomes da ciência mundial. O cacifo encontrava-se inicialmente fechado, sendo que apenas ao desvendar a quinta e última pista, as equipes teriam a chave para sua abertura. Mais detalhes do espaço, bem como o cacifo aberto, podem ser observados na Figura 8.



Figura 7 | O cacifo do cientista



Figura 8 | Detalhes do 'Cacifo do cientista'

Além destes espaços e respectivos elementos, existiam alguns outros itens decorativos. A intenção era que os participantes se sentissem de fato no gabinete de um cientista e não tivessem tanta facilidade no cumprimento das provas. Fotografias de grandes cientistas como Einstein, Marie Curie e Darwin, bem como artigos impressos e equipamentos de laboratório faziam parte da cenografia local. Mais imagens da sala pronta podem ser vistas na Figura 9 e Figura 10.



Figura 9 | Entrada da sala



Figura 10 | Panorama geral do gabinete

As pistas para o jogo

De acordo com a narrativa, uma série de 5 pistas foram elaboradas para que os participantes desenvolvessem o jogo no interior da sala. Cada uma das pistas, descritas em seguida, teve como principal intenção fazer com que os participantes interagissem e trocassem conhecimento através do uso de dispositivos tecnológicos, além de verificar a confiança dos avós e netos em seus conhecimentos, observar limitações dos avós no uso do dispositivo, paciência e disposição dos netos com os avós e vice e versa.

- **Pista 1 - Famosa cantora do passado vs leitura de QR Code**

A primeira pista (Anexo 3), entregue aos participantes na entrada do gabinete, remetia para uma das imagens colocadas nas paredes do gabinete, da cantora Amália Rodrigues, como mostra a Figura 11. Esta Figura 11 pista pedia aos participantes que, através da utilização de uma aplicação no celular, lessem o *QR Code* associado à imagem. A leitura do *QR Code* em questão levá-los-ia à pista número 2.



Figura 11 | Pista 1 - Amália Rodrigues e QR Code

- **Pista 2 - Imagens da cidade no passado**

A segunda pista (Anexo 4), era revelada quando a leitura do *QR Code* na pista 1 era realizada. Através da abertura de um *link*, uma imagem, hospedada numa página do Facebook criada para o projeto, fornecia a pista. A pista número 2 fazia referência a uma caixa de fotografias antigas da cidade de Aveiro, apresentadas nas figuras 12 a 15, e pedia aos participantes que identificassem o local ao qual as fotografias faziam referência: a Avenida Doutor Lourenço Peixinho. Além das imagens na caixa, um poema (Anexo 5) ainda auxiliava os participantes a desvendar a resposta à pista. Após desvendarem o nome do local representado, os participantes eram direcionados a um envelope que continha a próxima pista, número 3.



Figura 12 | Pista 2 - Avenida Lourenço Peixinho



Figura 13 | Pista 2 - Avenida Lourenço Peixinho

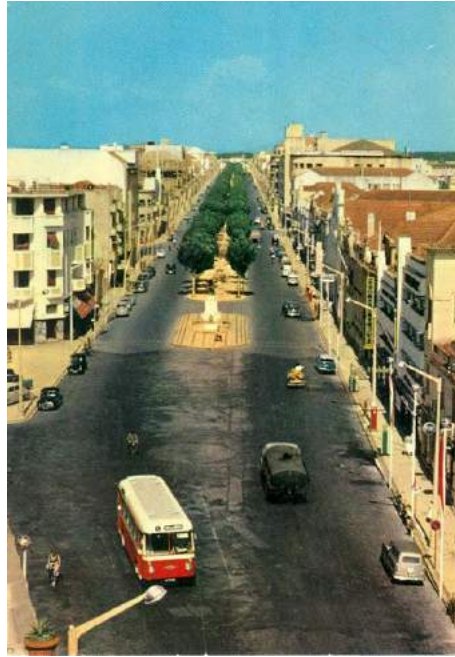


Figura 14 | Pista 2 - Avenida Lourenço Peixinho



Figura 15 | Pista 2 - Avenida Lourenço Peixinho

- **Pista 3 - Tecnologia do passado**

A pista número 3 (Anexo 6), podia ser encontrada em um envelope e a mesma pedia aos participantes que encontrassem uma tecnologia antiga na sala. A resposta à pista fazia menção à máquina de escrever (Figura 16), situada na secretária do gabinete. Para completar a pista os participantes deveriam manusear a máquina e encontrar nela a pista número 4.



Figura 16 | Pista 3 - Máquina de escrever

- **Pista 4 - Vulcão do passado vs Google vs Facebook**

A pista número 4 (Anexo 7), estava situada na máquina de escrever, como ver-se na figura 16. Os participantes teriam que girar o papel preso à máquina para encontrarem as instruções do próximo passo. A quarta pista pede aos participantes que identifiquem um vulcão na história de Portugal e, após o fazerem, deverão postar a resposta na página do Facebook do projeto, 'Troca de Conhecimento Intergeracional'.

- **Pista 5 - Antídoto vs fotografia**

Após a postagem da resposta na página do Facebook indicada, a equipe do estudo envia a pista número 5 (Anexo 8) por baixo da porta do gabinete. Junto com a quinta e última pista os participantes recebem a chave do cacifo e, dentro do mesmo, podem encontrar o antídoto. Além da chave do cacifo, a pista número 5 parabeniza a dupla e pede que façam uma fotografia e salvem no celular.

Registro de imagem e som

Para registro da atividade e futura análise do comportamento dos participantes durante a atividade, foram instaladas câmeras em locais estratégicos da sala. A princípio foram

utilizadas duas câmeras e dois microfones para a gravação. Conforme se observa na Figura 17, os móveis, artefatos e equipamentos foram dispostos de maneira que todos os espaços da sala, em especial os espaços com pistas e interações, fossem filmados e tivessem espaço para circulação. O equipamento de filmagem e áudio era composto por uma Câmera Go Pro 3 (destacada em azul na Figura 17), uma Canon 1200 com microfone da marca Rode acoplado (destacada em vermelho na Figura 17) e um set de microfone H4N com perche e gato morto (destacado em amarelo na Figura 17).



Figura 17 | Croqui do gabinete do cientista

Além disso, os avós assinaram termos de responsabilidade e autorização de uso de imagem para si e para seus netos (Anexo 9 e 10).

Assim, como utilizado em Nag, Ling & Jakobsen (2016) a atividade 1 teve como objetivo a observação do comportamento dos participantes, bem como de suas ações e falas, através da instalação de câmeras para filmagem de todo o processo. Além da resposta ao 'de que forma' da questão de investigação, a atividade possibilitou a compreensão da relação entre duas ou mais variáveis, no caso a utilização dos dispositivos, na troca de conhecimento entre avós e netos (Saunders et al., 2012)

3.4.2 Atividade 2 | Entrevistas pessoais

Após a atividade gamificada, foram agendadas entrevistas semiestruturadas individuais para compreender, em ambiente informal, questões como o uso de novas tecnologias,

a percepção dos papéis de avós e netos e o relacionamento de ambos com os dispositivos tecnológicos (Hurme et al., 2010; Rempusheski et al., 2012). Nesta etapa, as entrevistas buscavam, ainda, respostas a questões demográficas, bem como de consumo de tecnologia e da percepção do papel desenvolvido pelo entrevistado e por seu neto (a) ou avô (ó).

Para cumprir o propósito de encontrar as informações necessárias para responder à questão de investigação, criou-se um roteiro (Anexo 11) com questões chave para orientar a entrevista. Tal roteiro, inicialmente, foi dividido em categorias a fim de facilitar a recolha de dados e a análise dos mesmos, sendo elas: demográfico, dispositivos tecnológicos, relação intergeracional, dispositivos na relação intergeracional e análise da atividade gamificada. No entanto, após a realização das entrevistas, as categorias foram adaptadas e algumas questões migraram de categoria, por assim fazer mais sentido, como poderá ser visto na secção 4.3.

Em relação à categoria ‘Demográficos’ os dados observados eram: nome, idade, freguesia de morada, escolaridade, número de netos/avós e/ou filhos e proximidade habitacional.

Para a categoria ‘Tecnologia’, os dados coletados referiam-se à frequência de utilização, perfil de utilizador, grau de conhecimento e perfil em redes sociais. Nesta etapa, a informação possibilita a compreensão de como, em ambiente informal, os participantes utilizam e integram o uso das TIC ao cotidiano e percebem essa participação.

Quanto à ‘Relação intergeracional’ as questões aqui abordadas buscavam compreender a natureza e frequência da relação entre avós e netos. Questões como número de encontros semanais, assuntos abordados e confiança em si e no outro como portador de conhecimento e percepção da participação de dispositivos tecnológicos no relacionamento familiar norteiam a categoria. Esta vertente faz-se indispensável quando se busca compreender como dispositivos interferem na relação intergeracional, já que é preciso partir da compreensão da relação para entender alguma interferência na mesma.

A quarta e última categoria, inicialmente estabelecida, ‘Sobre a atividade 1’, retoma a atividade gamificada realizada e procura compreender as percepções dos participantes relativamente à mesma, além de perceber a percepção dos participantes quanto o papel

desempenhado pela tecnologia e de seu papel de avó (ô) ou neta (o). O fundamental, nesta categoria, é compreender o estado de espírito do participante no momento e após a atividade para que pudesse entender e analisar o que se passou durante a atividade e como esta impactou na vida do participante. Além disso, esta, e todas as outras categorias, permitiram, ao estudo, cruzar dados e compreender como cada uma delas interfere e participa do funcionamento da vida dos participantes.

3.5 Tratamento dos dados

Após a recolha de dados através das atividades e instrumentos acima descritos, deu-se a classificação, categorização e análise dos dados coletados. Desta maneira, para cada um dos instrumentos, adotou-se uma técnica adequada para que a informação conseguida não sofresse alteração e conseguisse transmitir a resposta às questões colocadas.

3.5.1 Tratamento dos dados coletados na atividade gamificada

Durante atividade gamificada, a recolha de dados foi feita através do registro de imagens e áudio captados por câmeras e microfones, tal como descrito na secção 3.4.1. Assim, os vídeos relativos à participação de cada dupla, ou trio, na atividade foram analisados, e os comportamentos foram anotados, juntamente com as percepções da investigadora.

Conforme anteriormente descrito, a atividade gamificada teve a sua dinâmica apresentada em formato semelhante ao de um jogo, em que era necessário encontrar pistas e resolver enigmas, de forma sequencial. Assim, o tratamento dos dados relativos à atividade de cada dupla, ou trio, foi igualmente sequencial, observando-se e analisando-se os comportamentos de acordo com o desafio proposto, seus objetivos e resultados.

Os dados observados, pista a pista, foram quase exclusivamente tratados através da observação comportamental. Para além do tempo de participação na atividade e na pista e de qual participante estava em liderança durante a pista/atividade, observaram-se, também, sentimentos e emoções apresentados pelos participantes.

Estes dados foram divididos em: geração observada (avós ou netos), comportamento – gestual e de fala – ou sentimentos e emoções, tempo de atividade e percepções da investigadora. Todos os dados foram anotados e tabelados a fim de se obter uma melhor organização e facilitar a análise.

3.5.2 Tratamento dos dados coletados nas entrevistas semiestruturadas

Inicialmente o roteiro de entrevista teve suas questões divididas em quatro categorias pois, a princípio, apontava um bom caminho para a realização das entrevistas pessoais. No entanto, após a realização da coleta de dados nesta etapa do estudo, percebeu-se que algumas questões, alocadas em diferentes categorias, fariam mais sentido se analisadas em conjunto. Desta maneira, os dados coletados foram reorganizados em categorias, designadamente: demográfico, dispositivos tecnológicos, relação intergeracional e dispositivos tecnológicos na relação intergeracional.

A primeira categoria, ‘Demográfico’ se mantém com as informações de definição básica dos participantes, como escolaridade, nome, idade, entre outras. No entanto, a questão de proximidade habitacional migrou para a categoria ‘Relação Intergeracional’. Além disso, criou-se uma subcategoria de ‘Formação escolhida’ para análise dos entrevistados graduados ou com formação técnica.

A segunda categoria criada é ‘Dispositivos Tecnológicos’. Nesta categoria questões como número de dispositivos em casa, frequência de acesso aos dispositivos e perfil em redes sociais, antes dispostas em ‘Tecnologia’ se mantem. No entanto, algumas subcategorias foram criadas para uma análise aprofundada de informações como: tipos de dispositivos e redes sociais que possui e se o acesso à internet é feito via celular. Além das subcategorias criadas, a questão a respeito da opinião dos participantes sobre o papel da tecnologia na sociedade atual migrou para esta categoria.

A categoria ‘Relação Intergeracional’, como disposto anteriormente, passou a integrar a questão de proximidade habitacional. As questões alocadas à categoria mantiveram-se, com exceção das que abordam a tecnologia inserida no relacionamento. No caso destas últimas questões, que reúnem as categorias de relacionamento e dispositivos tecnológicos, criou-se uma nova categoria que as relaciona diretamente. Além disso, a

questão que aborda a percepção do avô (ó) e neto (a) do seu papel no relacionamento, inicialmente em 'Sobre a atividade 1', também migrou para esta categoria.

A quarta e penúltima categoria, 'Dispositivos tecnológicos na relação intergeracional', é criada apenas para o tratamento e análise dos dados e apresenta, além da possibilidade de cruzar questões das demais, questões que, por si só, contrastam o relacionamento e a presença das TIC. Nesta categoria questões como a opinião do entrevistado sobre a aproximação ou afastamento das gerações e se as TIC são tema de conversa entre avós e netos, antes na categoria de relacionamento intergeracional, são realocadas. Em tempo, a questão da percepção da presença da tecnologia na troca de conhecimento, também foi incluída nesta categoria.

A última categoria, 'Atividade 1', acabou por apresentar apenas a questão na qual os participantes descrevem suas percepções da atividade realizada. As demais questões, antes alocadas nesta categoria, migraram para categorias nas quais, dessa maneira, o tratamento e análise dos dados fazia mais sentido.

A Tabela 4, abaixo, mostra a recategorização das questões.

**TECNOLOGIA E RELACIONAMENTO INTERGERACIONAL:
DISPOSITIVOS TECNOLÓGICOS NA TROCA DE CONHECIMENTO DE AVÓS E NETOS**

Categoria	Questão
Demográfico	1. Nome
	2. Idade
	Sexo
	3. Freguesia
	4. Escolaridade
	5. Nº de avós/netos
Dispositivos tecnológicos	6. Nº de filhos
	8. Possui dispositivos tecnológicos?
	Quais dispositivos possui
	9. Quantas vezes, por dia, utiliza os dispositivos?
	10. Qual o grau de conhecimento no dispositivo?
	11. Como aprendeu a utilizar o dispositivo?
	12. Seu neto/avô faz uso destes dispositivos?
	13. Possui perfil em alguma rede social?
	14. Acede ao seu perfil quantas vezes por dia?
	31. A seu ver, qual o papel da tecnologia na sociedade atual?
Relação intergeracional	7. Proximidade de moradia
	15. Quantas vezes, por semana, vê os netos/avós?
	16. Em média, quanto tempo os encontros duram?
	17. Quais atividades realizam juntos nestes encontros?
	19. Reconhece em seu neto/avô fonte de conhecimento para si?
	20. Percebe-se a si como fonte conhecimento para seu neto/avô?
	21. Quais os assuntos ou situações em que recorre ao seu neto/avô para ajuda?
	22. Como qualifica a proximidade e intimidade entre vocês?
	23. Gostaria de mudar alguma coisa no relacionamento atual?
	28. No convívio com seu neto/avô acredita haver um dialogo saudável?
	29. Ainda, sente que há a partilha de conhecimento?
	32. Tem alguma consideração final a respeito da troca de conhecimento entre você e seu neto/avô?
Dispositivos tecnológicos na relação intergeracional	18. Quando tem alguma dúvida em relação a _____ costuma recorrer a quem?
	24. Acha que a tecnologia, atualmente, contribui para a aproximação ou afastamento das gerações?
	25. Conversa com seu neto/avô sobre tecnologia e comunicação?
	26. Possui seu neto/avô na rede social que usa?
Atividade gamificada	30. Como percebe a tecnologia na troca de conhecimento entre avós e netos? Acha que há uma participação?
	27. Em relação à atividade realizada, achou-a positiva? Divertiu-se? Há algum comentário que queira fazer a respeito?

Tabela 4 | Categorização final das questões da entrevista semiestruturada

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Introdução

Para análise, os dados obtidos na atividade gamificada foram divididos entre avós e netos e organizados sob as pistas propostas. Dessa maneira analisou-se o comportamento, a linguagem corporal e o áudio das filmagens. Em relação à segunda atividade, a entrevista semiestruturada individual, dividiu-se o conteúdo coletado em 5 categorias, conforme apresentado em tratamento de dados, sendo elas: sócio demográfico, dispositivos tecnológicos, relação intergeracional e dispositivo tecnológico no relacionamento intergeracional.

Em geral, para a compreensão dos dados obtidos, estes foram observados sob 3 perspectivas: consumo e contato com as TIC – quanto e de que forma o participante se relaciona com os dispositivos tecnológicos; contato e percepção de relacionamento intergeracional – intensidade e frequência no relacionamento em ambiente formal e informal; percepção e qualificação da troca de conhecimento – qual o tipo de conhecimento trocado e qual a percepção do participante frente a esse processo.

A análise do que foi coletado foi realizada através da observação do material gravado, as anotações da investigadora e as transcrições das atividades e entrevistas.

4.2 Análise e discussão dos registros da atividade 1 | Atividade gamificada

Para análise dos resultados, cada uma das duplas teve seu material audiovisual analisado e dividido em cada uma das pistas da atividade e por gerações. Além disso, o material foi assistido diversas vezes a fim de garantir que o comportamento de todos os participantes, avós e netos, fossem averiguados.

O tempo de realização

A primeira vertente analisada foi o tempo despendido pelas duplas, ou trio, participantes na realização da atividade gamificada e se diferia do tempo médio que tinha sido inicialmente previsto pela equipa de investigação, de entre 15 a 30 minutos, considerando eventuais dificuldades.

Verificou-se que, em metade dos casos, a duração máxima prevista de 30 minutos, foi ultrapassada, conforme Tabela 5.

PARTICIPANTES	TEMPO DE ATIVIDADE (min)
avó Joaquina neta Margarida	00:31:22
avô Jorge neto Pedro	00:35:13
avó Arminda neta Ana Carolina	00:38:52
avó Sônia neta Valentina	00:24:32
avó Maria Olga netas Íris e Eneiva	00:21:35
avó Maria Elisabeth neto Tomé	00:14:48
avó Maria do Rosário neta Beatriz	00:36:12
avó Maria Fernanda neta Morgana	00:19:49

Tabela 5 | Tempo de realização da atividade gamificada

Os menores tempos de realização correspondem às duplas com níveis superiores de literacia digital e maior frequência de utilização de dispositivos tecnológicos, corroborando assim observado por White (2010). As entrevistas individuais revelaram que as avós Fernanda, Elisabeth e Sônia, são utilizadoras mais assíduas do dispositivo móvel e, por essa razão conseguiram ser mais rápidas durante a atividade. No caso dos netos Tomé – avó Elisabeth – e Eneiva – avó Maria Olga –, a idade superior à média dos demais e a maior literacia digital e frequência de uso do dispositivo também fizeram a diferença.

Em relação às tarefas propostas aos participantes, através de pistas, os tempos de realização também mostram uma relação entre a dificuldade de realização e o aumento de tempo de realização das tarefas. Por exemplo, a pista quatro – na qual os participantes teriam de encontrar resposta a perguntas, bem como fazer postagens em páginas de rede social – apresentou um tempo maior de realização. Neste caso, a análise comportamental dos participantes permitiu verificar que a dificuldade no manuseio do dispositivo tecnológico foi decisiva para o aumento no tempo de realização.

A atividade gamificada proposta teve o intuito de observar a troca de conhecimento intergeracional em ambiente formal. Sua realização corroborou o relatado em Kenner (2008) onde os participantes, de diferentes gerações, trabalhavam em conjunto a fim de completar tarefas tecnológicas e históricas. Ainda que de maneira forçada, como na atividade gamificada realizada neste estudo, pode-se verificar a colaboração e entrega mútua.

Apresenta-se, em seguida, o que foi possível observar relativamente a cada uma das pistas da atividade gamificada.

Pista 1 | Famosa cantora do passado vs leitura de QR Code

Como já se indicou, à entrada para a sala da atividade (gabinete do cientista), foi entregue a avó (ô) a primeira pista, juntamente com o celular. Ambos os participantes entravam na sala e iniciavam o jogo. A primeira pista induzia os participantes a iniciar a atividade partilhando conhecimento, especialmente histórico.

A pista um requeria aos avós, portadores do dispositivo tecnológico, que realizassem a leitura de um QR Code. Sob a orientação e apoio dos netos, os avós deveriam abrir uma aplicação no celular e ler o código impresso. No entanto, como apontado em Gonçalves e Patrício (2010) pode-se perceber a dificuldade, frente às limitações físicas, no manuseio do celular e aplicação, sobretudo no que diz respeito ao pequeno tamanho das teclas do celular. Estas limitações físicas dos avós e outras dificuldades, tais como o desconhecimento do posicionamento da câmera do dispositivo, tornavam os netos impacientes.

A maioria dos avós participantes foram os responsáveis por desvendar a identidade da celebridade no quadro: 6, dos 8 avós, reconheceram a cantora Amália Rodrigues. Neste contexto, os 2 avós que não desvendaram a identidade da cantora prontamente, o faziam depois de os netos – em reconhecimento do QR Code como código de leitura na foto – apontarem a fotografia na parede. De qualquer maneira, como apontado por Forghani & Neustaedter (2014), pode-se verificar, já à partida, os avós como historiadores.

Os netos iniciaram a atividade com interesse e foco e foram os responsáveis pela transmissão do conhecimento tecnológico, corroborando o que sugere Mansson (2016).

Contudo, no decorrer da pista número 1, mostraram falta de paciência frente às dificuldades dos avós no manuseio do dispositivo tecnológico. Alguns netos sentiram-se angustiados e mostraram um comportamento inquieto, enquanto outros explicavam aos avós, com tom impaciente, como a neta Morgana:

“É app, não sabes o que é uma app? É uma aplicação do telemóvel, avó.”

(Morgana, 10 anos)

O contrário também pôde ser observado. Alguns netos, como as netas Eneiva e Íris mostravam-se pacientes e determinadas a envolver a avó na atividade.

Pista 2 | Imagens da cidade no passado

A pista número 2 solicitava aos participantes que identificassem locais da cidade de Aveiro através de fotos antigas e texto. Os participantes foram, em geral, rápidos na realização da tarefa, mas um comportamento foi bastante recorrente: a falta de atenção às imagens e apego ao texto. A maioria das duplas – 5 em 8 – não se ateve em identificar as imagens, mas em ler o texto ao final para encontrar a resposta à pergunta.

Os avós, neste momento, mostraram mais atenção aos detalhes da atividade e maior lentidão na realização, em comparação com os netos, na conclusão da pista. Diversas vezes os netos continuavam a atividade, após descobrirem a resposta à pergunta, e seguiam sem seus avós. Como o neto Tomé que desvendou a pista e continuou a atividade, obrigando que a avó o seguisse às pressas. Tal comportamento de independência frente ao conhecimento dos avós, corrobora o que indicam Strom e Strom (2013).

Contrário ao comportamento de alguns netos, de seguirem a atividade sem integrar os avós, temos casos como da neta Margarida que, mesmo tendo chegado à solução da pista, esteve com a avó e aguardou, para poderem continuar juntas. Ou o caso das netas Eneiva e Íris que, envolveram a avó na resolução da pista e conseguiram que também ela desvendasse o mistério.

Pista 3 | Tecnologia do passado

A terceira pista da atividade, solicitava aos participantes que identificassem um artefato de tecnologia antiga. Logo atrás do local onde foram posicionadas as fotos da pista número dois, havia uma máquina de escrever e os participantes deveriam identifica-la, além de operá-la.

Nesta pista, foram sobretudo os netos – em 5 das 8 duplas/trios – que, prontamente, localizaram e identificaram o artefato antigo e direcionaram os avós. Em alguns casos, como o do neto Tomé, de 17 anos, a rapidez na localização da máquina foi tão grande que o neto seguiu o jogo enquanto a avó ainda finalizava a pista anterior. Em outros casos, como da dupla avó Sônia e neta Valentia, a neta localizou o artefato, mas conduziu a avó até ao espaço e, juntas, concluíram a pista.

Em contraponto à rapidez e desenvoltura dos netos, alguns avós, mesmo não tendo identificado a máquina de escrever prontamente, foram os operadores do artefato. Além de tomarem a frente da atividade nesta pista, a maioria dos avós – 6 das 8 duplas/trios – foi responsável por operar a máquina. Neste caso, talvez por maior familiaridade com a ferramenta, mas foram os avós quem em sua maioria, ensinaram aos netos o manuseio da tecnologia, como em Forghani & Neustaedter (2014). Como foi o caso do avô Jorge e seu neto Pedro que perguntou ao avô, enquanto o mesmo manuseava a máquina, se aquele era o modo de uso da máquina em seu tempo.

“Isso era sempre assim avô?”

(Pedro, 12 anos)

No entanto, um exemplo que contraria as demais estatísticas foi observado e nos mostra como a transmissão do conhecimento é ilimitada. Ao contrário dos demais netos e netas da atividade, a neta Valentina, de 10 anos, foi quem ensinou a avó como manusear a máquina de escrever. Ao ver a avó com certa dificuldade em operar a máquina, a neta a instruiu sobre como fazê-lo.

Pista 4 | Vulcão do passado vs Google vs Facebook

A penúltima pista da atividade mostrou-se a de mais difícil execução. Nesta pista, os participantes tinham de responder a uma pergunta a respeito da história de Portugal. Para a obtenção e validação da resposta os participantes foram orientados a buscar ajuda ao Google e postar a resposta à pergunta na página do Facebook do Projeto.

Dada a maior complexidade desta pista, vamos apresentar duas análises em separado, uma da obtenção da resposta e outra da postagem da mesma no Facebook.

Para obter a resposta, a pista dava a dica aos participantes que fossem ao Google procurar informações. E todos os participantes o fizeram, sem exceção. Porém, mesmo que acessando o site indicado para busca da resposta, alguns dos avós já a sabiam ou, pelo menos, parte dela, como, por exemplo, a avó Fernanda que se lembrou de ter estado no pico do vulcão junto com a família.

Observou-se que os avós tiveram algumas dificuldades com o manuseio do celular, devido ao reduzido tamanho do dispositivo e das teclas, como também observaram Gonçalves e Patrício (2010). Contudo, a maior dificuldade da geração mais velha, na primeira etapa da pista, foi mesmo o mecanismo de busca do site Google.

Não apenas os avós, mas também os netos, tiveram dificuldade em encontrar termos de busca corretos ou em concluir a busca. Além disso, a maioria dos netos mostrou maior familiaridade com navegadores de internet que com as aplicações instaladas no celular. Assim, mesmo que trabalhando em conjunto, as duas gerações apresentaram dificuldade em finalizar a busca, fosse pela dificuldade em encontrar termos de busca ou pela dificuldade na operação do mecanismo de busca em si.

Algumas peculiaridades no processo de busca da resposta mostram a troca de conhecimento acontecendo de maneira não linear. No caso da avó Joaquina e neta Margarida, no qual a avó, ao tentar compreender a ferramenta de busca do Google acaba por fazer uma pesquisa por voz. E quando chama a neta para ajudá-la a entender, a neta acha graça ao acontecido:

“Anda cá’ (escrito na barra de busca)? O que é isso? Avó, carregaste neste microfonezinho? Pois avó, aí é quando queres fazer uma busca, mas o faz por voz.”

(Margarida, 10 anos)

Ou no caso de o conhecimento ser transmitido sem que as partes se deem conta disso. Como com a avó Arminda e a neta Ana Carolina que tentaram todas as possibilidades para realizar a busca, mas frente às dificuldades da avó em manusear o aparelho pedem ajuda à investigadora e se justificam:

“Desculpa, mas precisamos de ajuda. Já tentamos buscar ao Google, até mesmo busca por voz, mas não consigo... minha avó não consegue.”

(Ana Carolina, 12 anos)

Quando chegavam à resposta ao desafio, ‘Vulcão dos Capelinhos, 1957’, as duplas teriam de postar a resposta na página do Facebook do Projeto. Contudo, este mostrou-se o maior desafio na pista.

Dos 17 participantes na atividade, apenas 7 não possuíam, nem acessavam, conta em rede social, mais especificamente o *Facebook*. Neste caso, o *login* no *Facebook* já tinha sido previamente realizado, no perfil de um dos integrantes da equipe de investigação. No entanto, apesar de a maioria dos participantes serem usuários do *Facebook*, das 7 duplas e 1 trio analisados, todas solicitaram ajuda para realizar a postagem na rede social.

Dos 10 participantes que possuíam conta em redes sociais, 5 não recordavam a senha e pediram ajuda. Os demais, mesmo que se recordassem da senha de acesso ao seu perfil, pediram ajuda à equipe de investigação para encontrar a página indicada ou, até mesmo, fazer a postagem da resposta. Todos os participantes pediram ajuda para a conclusão desta pista, fosse pelo motivo que fosse, não houve nenhuma dupla ou trio que não o fizesse.

Por fim, apesar de termos 3 duplas em que ambos os participantes possuíam perfil de redes sociais – avó Elisabeth e neto Tomé, avô Jorge e neto Pedro e avó Fernanda e neta Morgana – e 2 duplas com um dos participantes familiarizados à ferramenta, nenhum participante conseguiu prosseguir sem ajuda externa.

Fosse durante a obtenção da resposta ao desafio ou na postagem da mesma, avós e netos trocaram conhecimento durante todo o tempo. Contudo, foram os netos que mais interagiram e forneceram conhecimento nesta etapa. E foram estes os responsáveis

pela requisição de ajuda, inclusive por vezes contrariando a vontade dos avós, como a neta Beatriz que, frente à dificuldade, disse a avó que pedissem ajuda, ao passo que a avó respondeu:

“Tem calma, temos até 50 minutos, não vamos pedir ajuda pra já.”

(Maria do Rosário, 66 anos)

Ou o avô Jorge e a avó Joaquina que se mostraram os mais relutantes dos avós em solicitar ajuda. No primeiro caso, o avô mostrava-se aflito em incomodar os investigadores e, no segundo, a falta de paciência da avó mostra-se quando a neta pede diversas vezes que peçam ajuda e a avó propõe desistirem da atividade.

“Então, olha, vamos desistir... Não conseguimos, vamos desistir.”

(Joaquina, 63 anos)

No entanto, mesmo havendo diversas dificuldades, a troca de conhecimento, foi muito percebida. Ainda, foi possível observar que nem sempre os avós precisavam do auxílio dos netos, mas o pediram ou aceitaram. Foi o caso de avós como Jorge e Elisabeth que se mostraram, durante toda a atividade, muito despachados e literados com o celular, mas incentivavam os netos a ajuda-los. Este comportamento reforça o que foi dito por Mansson (2016) a respeito do reconhecimento dos netos, por parte dos avós, como transmissores de conhecimento tecnológico. Além disso, como poderá ser visto no capítulo 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS **Error! Reference source not found.**, o comportamento dos avós Jorge e Elisabeth – que obtiveram algum tipo de formação no uso das TIC – reforça White (2010) quando da frequência de utilização melhorar o desempenho nas TIC.

Nesta pista da atividade, pela dificuldade na realização dos processos, pela pressão de um bom desempenho ou pela limitação de tempo e de conhecimento, os avós e netos mostraram-se muito impacientes. Avós e netos, neste sentido, deixaram transparecer os seus sentimentos de maneiras diferentes: a geração mais nova colocava-se a andar

pela sala e, muitas vezes, a vasculhar o espaço, procurando outras pistas; já a geração mais velha, colocava-se a manusear o celular intensamente, em busca de uma saída.

O clima de frustração pode ser notado na maioria das duplas/trio nesta etapa, com exceção de dois casos muito interessantes. O primeiro da avó Elisabeth e o neto Tomé que, ambos extremamente literados no uso dos dispositivos, foram extremamente rápidos a encontrar a resposta e na postagem da mesma, tendo pedido ajuda apenas pelo esquecimento da senha de *login*. O segundo caso que chama a atenção é o da avó Rosário e neta Beatriz que, além de se mostrarem extremamente bem-dispostas e bem-humoradas na realização de toda a atividade, tiveram um comportamento bastante peculiar. Aquando da postagem da resposta na página do *Facebook*, a avó Rosário – única participante da dupla que possuía perfil no *Facebook* – percebeu que havia esquecido a senha. No entanto, ao invés de solicitar ajuda externa, a avó, junto com a neta, solicitou nova senha no próprio site de relacionamento. Mesmo sem dominar a ferramenta, a avó solicitou nova senha através do envio de SMS e pediu aos investigadores que trouxessem seu celular afim de realizar o recadastro da senha. Ao final o processo de solicitação de uma nova senha não deu certo, mas a descoberta e utilização de uma nova funcionalidade no celular e rede social, por parte da avó, mostra, mais uma vez, White (2010) em sua teoria da frequência de uso induzir ao maior conhecimento da ferramenta.

Pista 5 | Antídoto vs fotografia

A última pista da atividade gamificada fornecia aos participantes a chave do cacifo onde podiam encontrar o antídoto, como explicado no Anexo 1. Além disso, era solicitado que fizessem uma foto da dupla para registro posterior.

Após a postagem na rede social da resposta à pista número 4, os participantes receberam, por baixo da porta, o envelope com a chave e o pedido para fazerem uma fotografia.

Apenas no caso da dupla avó Arminda e neta Ana Carolina, a pista número 5 foi passada mesmo sem ter existido a postagem na página solicitada. Isto porque, apesar de terem solicitado ajuda na obtenção da resposta da pista anterior, não conseguiram realizar a postagem e a equipe de investigação, face à ausência da resposta e a percepção de que

as participantes estavam revirando a sala em busca de uma saída, decidiu passar a pista número 5. Quando questionadas sobre a ausência da resposta a dupla justificou-se dizendo que não conseguiam fazê-lo e, assim, decidiram buscar uma saída.

Dos netos que participaram, 7 dos 9 foram ao cacifo buscar o antídoto antes de realizar a foto. Curiosamente, 4 destes participantes tomaram o celular da mão dos avós assim que o antídoto foi tomado. Este comportamento mostra a impaciência da geração mais nova quanto ao manuseamento do dispositivo pelos avós, que tiveram algumas dificuldades (White, 2010).

Assim como as demais pistas, houveram casos que chamam a atenção pelo destaque frente aos demais. As netas Eneiva e Íris, mesmo tendo tomado o antídoto e sendo responsáveis pela fotografia, ensinam a avó o manuseio da câmera do celular. Ainda, a avó Joaquina que arrumou os cabelos da neta Margarida antes de fazerem a fotografia.

4.3 Análise e discussão dos registros da atividade 2 | Entrevistas individuais

As entrevistas individuais, semiestruturadas, foram realizadas após a atividade gamificada. A equipe de investigação foi até à residência dos avós e netos para realizar a entrevista. Para facilitar a coleta de informações e garantir a participação de todos, avós e netos realizaram a entrevista em sequência, no mesmo dia e local. Com exceção da avó Maria Olga e suas netas, que realizaram a entrevista imediatamente a seguir à atividade gamificada, todos os demais marcaram dia e horário em suas residências após, em média, uma semana.

Conforme descrito na seção 3.5 e na introdução deste capítulo, os dados coletados nesta etapa foram organizados em categorias, de modo a facilitar a análise. As categorias criadas permitiram quantificar respostas, qualificar e quantificar comportamentos e garantir uma visão precisa da realidade. Designadamente: demográfico, dispositivos tecnológicos, relação intergeracional, dispositivo tecnológico na relação intergeracional e atividade gamificada.

Abaixo segue, categoria a categoria, a apresentação e análise dos dados coletados. Cada análise aqui descrita apresenta e analisa dados dos avós e, em seguida, dos netos. Todo o material coletado apresenta-se, ainda, em tabelas, como pode ser visto nos anexos 12 ao 15 do estudo.

4.3.1 Discussão e análise | Avós

4.3.1.1 Categoria | Demográfico

Os participantes foram encontrados e selecionados por conveniência, ou seja, indicação de conhecidos. Desta forma, há uma certa homogeneidade no perfil sócio-econômico-demográfico dos participantes. Nesta categoria, buscou-se compreender o perfil social, familiar e educacional dos indivíduos.

Foram 8 avós participantes, sendo 7 deles mulheres, entre 63 e 74 anos, e um homem, com 72 anos. Esta prevalência de avós do sexo feminino envolvidas no estudo, reforça Pires e Coelho (2010) quanto à participação maior de avós mulheres na vida de seus netos.

Em sua totalidade, os avós entrevistados eram aposentados e, em sua maioria, cuidavam da casa ou apoiavam os filhos e os netos nas tarefas diárias. No entanto, a avó Elisabeth presta serviço de voluntariado na Liga Portuguesa Contra o Cancro (ver transcrição abaixo), além do cuidado da casa, e a avó Maria Olga que, por apresentar princípio de demência, é cuidada por uma cuidadora e já não desempenha muitas funções em casa ou em trabalho voluntário.

“Eu pesquiso, faço pesquisas, isso tudo, mas... e mando e-mails, por que também sou voluntária da Liga Portuguesa Contra o Cancro e preciso mandar e-mails neste ambito do voluntariado.”

(Maria Elisabeth, 69 anos)

Entre os participantes, a média era de 2 filhos por avó/ô e 2,5 netos. Contudo alguns dos 8 avós destacavam-se com um número diferente de netos, como as avós Sônia e Elisabeth possuíam apenas um neto (a) e a avó Joaquina e Maria Olga com 5 e 4 netos, respectivamente. Destes apenas a avó Sônia morava na mesma casa que os filhos e netos, todo os outros moravam em casa própria.

Em relação à escolaridade dos avós participantes, 3 possuíam apenas ensino básico, um possuía ensino técnico – o avô Jorge, único avô do estudo –, 3 possuíam bacharelato e um ensino superior. Sendo as mulheres bachareladas e com ensino superior, todas professoras do ensino básico.

4.3.1.2 Categoria| Dispositivos tecnológicos

Como estabelecido anteriormente à seleção do grupo de estudo, todos os participantes deveriam possuir ou ter acesso a dispositivos tecnológicos, nomeadamente celulares, computadores portáteis e outros. Todos os indivíduos, em especial nesta categoria, exploraram sua percepção e ponto de vista da vivência em torno destes dispositivos.

Todos os avós possuem dispositivo tecnológico, mais especificamente celular. Dos 8 avós e avô entrevistados, 4 possuem computadores em casa e destes, apenas 1 possui portátil e 2 possuem *tablet*. Assim, a fim de equiparar os indivíduos, as informações de acesso ao dispositivo (número de acessos diários, utilização, etc.) é analisado, primariamente, da perspectiva do celular e, então aborda-se o outro dispositivo de maior interação, se houver. Com exceção das avós Rosário e Elisabeth, o dispositivo mais utilizado é o celular e, no caso das duas avós, é o *tablet* e o portátil respectivamente.

Contudo, a maioria dos avós (5 dos 8 indivíduos) utilizam o celular quase exclusivamente para a realização e atendimento de chamadas. Destes, 4 participantes utilizam, maioritariamente, o computador ou *tablet* para acesso à internet e, caso possua, às redes sociais.

"Tenho o telemóvel, mas é só fazer chamadas e receber. Nem mensagens sei mandar. Ligo e leio mensagens, mas mandar eu... também nunca me preocupei em aprender."

(Joaquina, 63 anos)

"O computador, todos os dias, obrigo-me a mim mesmo todos os dias a ir à internet ver se tenho algumas mensagens, responder algumas mensagens."

(Jorge, 72 anos)

Em adição, as avós Elisabeth, Maria do Rosário e Fernanda, confirmam que, quando em momentos de descontração e ócio, ou em momentos de necessidade, acessam a internet pelo celular. Destaca-se, aqui, a avó Sônia que afirma utilizar apenas o celular para acesso à internet.

“Uso para conversar no Facebook e para ver as novidades. Gosto de saber das notícias, o que se passa no mundo. Sim, faço transação bancária também.”

(Sônia, 67 anos)

Pôde-se ainda verificar que o número de acessos diários, em relação aos avós, é bastante equilibrado, considerando que 4 dos 8 avós acessa o dispositivo uma ou duas vezes por dia. A outra metade, em contraponto, acessa o dispositivo mais de 6 vezes por dia, o que se considera, aqui, um número alto de acessos.

Em contraponto ao número de acessos ao dispositivo tecnológico, foi possível verificar o grau de conhecimento dos participantes nos mesmos. A maioria dos indivíduos com baixo acesso ao dispositivo afirma ter baixo conhecimento no mesmo. Já os utilizadores com acesso alto, em sua maioria, afirmam que conhecem medianamente o dispositivo utilizado. Apenas um dos participantes, entre os avós, afirma dominar o dispositivo tecnológico. Essa correspondência entre frequência de uso e grau de conhecimento do dispositivo, novamente, corrobora White (2010) quando da afirmação da frequência na utilização ser um meio de angariar conhecimento da ferramenta.

A avó Elisabeth é um interessante contraste frente à realidade dos avós entrevistados. Diferente dos demais que não mostram alta familiaridade com os dispositivos e/ou não relatam terem um relacionamento próximo com os mesmos, a avó afirma ter alto grau de conhecimento. Além disso, Elisabeth relata que foi ela quem introduziu as TIC em sua casa:

“Fui eu quem introduzi os computadores cá na minha casa. Por que meu marido era da parte de produção, era um técnico de produção, e não tinha apetência para esse tipo de tecnologia. E eu é que pus aqui em casa os

computadores, contraria a vontade dele e hoje é um exímio usuário das novas tecnologias. Tá lá sempre também!”

(Maria Elisabeth, 69 anos)

Pode-se apontar, ainda, exemplos complementares e contrários ao do caso da avó Elisabeth. Temos, por exemplo, o caso da avó Fernanda que, apesar de não ter sido percussora na introdução de tecnologia em casa, mostra que mantém seus artefatos tecnológicos sempre atualizados:

“De resto temos todas as coisas ligadas à televisão: o leitor de CD e DVD. (...)eu sou mais virada pra outras coisas. Mas não ponho de parte nenhum avanço muito interessante.”

(Maria Fernanda, 68 anos)

Em contraste ao apresentado pelas ‘entusiastas’ de tecnologia, encontramos exemplos como o das avós Joaquina e Arminda, que não utilizam de maneira constante nem se interessam muito pelos dispositivos. Também a avó Maria do Rosário que, mesmo utilizando os dispositivos tecnológicos, não se sente atraída a aprimorar seus conhecimentos:

“(…), mas também nunca pensei em saber tanto como sei, pronto. Por que eu pensava que nem aquilo me atrevia a fazer, foi a minha neta que me ajudou, que me ensinou. (...). Também não aprofundo por que não é, não tenho interesse em aprofundar mais os conhecimentos. Para o que eu quero, o que eu sei chega.”

(Maria do Rosário, 66 anos)

Quanto à familiaridade com o dispositivo, temos exemplos de avós que buscaram o aprimoramento e fizeram cursos de atualização. Os avós Sônia, Elisabeth e Jorge são exemplos de avós que buscaram a formação como forma de melhorar seus conhecimentos.

"Eu fiz um pequeno cursinho de informática, 15 dias, um curso rápido e, em casa também, com a ajuda da filha, da neta."

(Sónia, 67 anos)

Entre os demais participantes que não tiveram formação para o manuseio de TIC, 2 afirmam ter aprendido sozinhos – destes, 2 reconhecem ter baixo conhecimento nos dispositivos tecnológicos – e os outros 3 afirmam terem tido ajuda de familiares, filhos e netos, para aprender. A avó Fernanda foi a única, dos que afirmam ter recebido conhecimento de familiares, que acrescentou ter aprendido, também, sozinha.

" (...) Ou eu mesma ando, portanto com os telemóveis estou naquela: faço asneiras ou não faço, simplesmente ele tem uma altura em que chego àqueles sítios de pânico que daquele sítio, dali não saio e é nestes casos que peço ajuda. Quando bloqueia por qualquer motivo."

(Maria Fernanda, 68 anos)

Apesar de a utilização dos dispositivos não ser muito frequente, a maioria dos avós entrevistados - 6 dos 8 participantes – possui perfil em redes sociais, mais especificamente no *Facebook*, que é uma ferramenta muito utilizada pelos avós para contato com amigos, busca de assuntos de interesse e até, contato com a família.

"Logo de manhã, depois que me levanto, ligo um bocadinho pra ver o que por lá tenho de mensagens, de fotografias e à noite também gosto de estar um bocadinho no tablete para ver o que por lá vai."

(Maria do Rosário, 66 anos)

"Nós pedimos aos meus filhos para nos porem no Facebook por que eu tenho uma neta na Inglaterra e é só para ver. Ela punha fotografias e essas coisas, e é só para vermos."

(Joaquina, 63 anos)

As duas participantes que não possuem rede social são a avó Maria Olga e avó Arminda. A primeira, em virtude de seu estado de saúde mental, não foi introduzida à ferramenta e, desta maneira, não se tornou utilizadora. Já a segunda participante, afirma não ter interesse no site de relacionamento.

"Não e também não me puxa. Por que como minha neta acabou, a pouco, de dizer, meto-me num quartinho de costura e, olha, não quero saber de mais nada."

(Arminda, 66 anos)

No que diz respeito à frequência de acessos às redes sociais, observa-se um claro distanciamento da mesma. A maioria dos avós que possui perfil no *Facebook*, afirma acessar o mesmo apenas 1 ou 2 vezes por dia. A única participante que afirmou acessar o perfil mais de 6 vezes ao dia – o que caracteriza um alto número de acessos – foi a avó Sônia.

Ainda, em conclusão à categoria de dispositivos tecnológicos, perguntou-se aos avós qual era, em sua opinião, o papel da tecnologia. A totalidade dos participantes vê a tecnologia como benéfica e como ferramenta de modernização e aproximação. No entanto, 3 dos entrevistados apontam que a tecnologia também tem alguns pontos negativos, como a perda de empregos, passividade a falhas e possibilidade de ser utilizada para fazer o mal. Neste contexto, ainda, muitos avós mostraram preocupação com a presença dos mais novos no meio tecnológico.

4.3.1.3 Categoria / Relação intergeracional

A proximidade habitacional foi o primeiro item analisado relativamente à categoria 'relação intergeracional'. Todos os participantes apontaram morar na mesma cidade que a outra geração, mas a proximidade de residências variava de acordo com cada dupla/trio. Dos entrevistados, 3 duplas participantes moram no mesmo bairro – o que aponta uma distância de até três quilômetros de distância –, 2 duplas moram em casas vizinhas – portas vizinhas, literalmente –, 1 dupla mora na mesma casa – brasileiras que

moram em Aveiro – e as últimas dupla e trio moram na mesma cidade, mas com distância superior a três quilômetros entre casas.

Tendo em mente a proximidade habitacional das duplas e trio, os dados coletados com referência à intimidade, paciência e relacionamento em si foram contrastados. Nesta ótica, observa-se se a proximidade de casas e frequência de contato pode alterar o comportamento dos participantes.

Ainda que a residência tivesse proximidades diferentes, todos os participantes veem a outra geração mais de 2 vezes por semana. Ainda, tais encontros possuem em torno de 3 a 8 horas, com casos – como o da avó Sônia e neta Valentina que moram na mesma casa – que os encontros são diários e duram todo o dia. Destaca-se, aqui, o fato de 4 das 8 duplas entrevistadas relatarem cerca de 6 encontros semanais com os netos. Tais encontros são decorrente de os avós terem um papel de cuidadores dos netos no horário pós-escolar.

No âmbito de avós cuidadores, como relatado por Pires e Coelho (2010), Oliveira e Pinho (2013) e diversos outros autores, a grande maioria dos avós – 7 dos 8 participantes – apontaram serem os responsáveis pelo cuidado com os netos na ausência dos pais. A única participante que não relatou desenvolver o papel de cuidadora foi a avó Maria Olga que, em vista das limitações de saúde, não poderia desempenhar tal papel.

"A minha filha teve-as, ela morava aqui (...) e eu criei-as desde os, acho que, 5 ou 6 meses que é quando acaba a licença de maternidade e volta a trabalhar. E eu fiquei com elas sempre, até... este ano ainda ia buscá-las à escola e tudo."

(Joaquina, 63 anos)

Quando nos confrontamos com a informação de que praticamente todos os avós foram ou são responsáveis pelo cuidado dos netos, algumas informações chamam a atenção. Os avós, como apontado por Dias e Silva (2003), desempenham importante papel na educação dos netos. A participante Elisabeth, inclusive, reconhece a importância dos avós neste sentido.

"Mas ele não passa a maior parte do tempo com os pais, a maior parte do tempo é sem eles, não é? E nós aqui temos um papel muito preponderante na educação dele. E se ele passava aqui todos os dias em casa, eu acho que era mais do que justo, nós intervirmos."

(Maria Elisabeth, 69 anos)

Quanto ao cuidado com os netos, em encontros semanais constantes ou esporádicos, observa-se a troca de conhecimento no âmbito dos mais diversos temas. Ainda além da troca em volta ou a respeito dos dispositivos tecnológicos, observou-se que todo o tipo de conhecimento é passível de troca, como citado em Forghani e Neustaedter (2014). Como é o caso de avós como Rosário, Fernanda e Arminda, que transmitiram a suas netas o gosto pelo cuidado da casa e, mais ainda, os trabalhos manuais.

"É, e ela está a apanhar. Desde pequenita. (...) Mas esta é uma perdição, a minha neta é uma perdição. (...) Ela está mais tempo comigo quando se mete lá no quartinho de costura. Ainda ontem teve lá a fazer as coisas para o gato, estive lá até muito tempo."

(Arminda, 66 anos)

"Depois estou também a tentar que ela não seja só na parte, digamos, profissional, entre aspas, mas comece também nesta vertente de fazer mais alguma coisa de mãos."

(Maria do Rosário, 66 anos)

No entanto, não é sempre simples a aproximação intergeracional. A diferença na vivência e nos assuntos de interesse são um obstáculo a ser ultrapassado por alguns dos avós entrevistados. A maioria dos avós participantes, mostra uma preocupação no que toca a aproximar-se dos netos, mas a avó Elisabeth e o avô Jorge – ambos com netos homens – relatam a dificuldade em encontrar temas de interesse comum.

"Realizamos poucas atividades juntos. Por que as atividades deles são divergentes das minhas. Ele tem as suas atividades e ele tem os seus passatempos, digamos assim, e eu tenho as minhas, eu não consigo."

(Jorge, 72 anos)

A avó Elizabeth, ainda, aponta o gênero como possível fator de afastamento no caso da sua relação com o neto.

"Se fosse uma rapariga talvez fosse mais fácil, digo eu. Nunca tive nenhuma rapariga. Mas eu reparo que as mulheres também tem mais cumplicidade umas com as outras. Os homens são mais reservados, eu acho. (...) Eles fecham-se mais, são mais herméticos. Não são tão comunicativos a respeito."

(Maria Elisabeth, 69 anos)

Na contramão do afastamento vivenciado e relatado pelos avós Jorge e Elisabeth, pode-se observar exemplos de amizade entre gerações. Dos participantes entrevistados, 4 avós relatam terem com suas netas uma relação de cumplicidade. É o caso de avós como Fernanda e Sônia, que se mostram preocupadas em ser para as netas um porto seguro.

"E somos cúmplices por que não contamos... a ninguém, nem a mãe nem nada, não contamos a ninguém. Isso é ser cúmplice. Cumplicidade."

(Maria Fernanda, 68 anos)

Nos encontros intergeracionais, são diversas as atividades realizadas. Desde a conversa corriqueira até as refeições – as quais 7 dos 8 avós entrevistados apontam como rotina no relacionamento – os encontros entre avós e netos são espaços para a convivência. Quando da troca efetiva de conhecimento, até mesmo a concepção deste termo causa discussão. Os avós dividem-se entre aqueles que reconhecem vivência como conhecimento – 3 dos 8 entrevistados –, aqueles que vem no conhecimento escolar o conhecimento efetivo – 2 dos 8 participantes – e aqueles que reconhecem o

conhecimento, atualmente, sendo aquele voltado ao mundo tecnológico. Neste último, temos a avó Joaquina, por exemplo.

"Educar sim, agora ensinar coisas... o que eu sei eles sabem mais do que eu... coisas modernas."

(Joaquina, 63 anos)

Quando questionados da sua capacidade de troca e recebimento de conhecimento, bem como das capacidades de seus netos, os avós mostram-se bastante divididos. Dos 8 avós entrevistados, 6 consideram-se mediana ou altamente habilitados a transmitir conhecimento. Já duas das avós entrevistadas, não se consideram hábeis a ensinar os netos por serem muito velhas, corroborando Hurme, Westerback e Quadrello (2010). Coincidentemente, ou não, as avós com baixa habilidade de transmissão de conhecimento não reconhecem vivência como tal. Em adição, os avós com alta capacidade de transmissão são aqueles que citam, sim, vivência como conhecimento adquirido.

Já em relação ao outro como potencial fornecedor de conhecimento, a maioria dos avós – 6 dos 8 entrevistados – aponta seus netos como mediana ou altamente habilitados a transmitir conhecimento. Contudo, todos os avós, neste caso, se referiam ao conhecimento tecnológico. As outras duas entrevistadas que apontaram os netos como pouco qualificados a transmitir conhecimento relataram que, por serem ainda novos, não tinham capacidade de ensinar ao outro.

"Ela faz algumas coisinhas, mas, coitadinha, tem só 12 anos não é? Mas puxa-lhe para aquilo, mas ensinar é até capaz de ensinar uma mais nova que ela já. Agora, mais velha não."

(Armanda, 66 anos)

Inclusive, durante a entrevista pode-se observar a troca de conhecimento acontecer, naturalmente. No momento do relato acima citado da avó Fernanda, a neta mostrou-se confusa a respeito do significado da palavra cumplicidade, ao passo que a avó a explicou,

corroborando Forghani e Neustaedter (2014) na afirmação de os avós serem, também, fonte de conhecimento geral e diverso para os netos.

Neste contexto, da partilha em si do conhecimento, os dados coletados apontam uma diferença perspectiva. De todos os avós participantes, apenas uma – mesma avó que se considerou com baixo potencial de partilha – diz haver troca mediana com a neta. Todos os demais avós apontam alta troca de conhecimento com os netos no dia a dia.

No relacionamento, a metade dos avós entrevistados mostrou-se orgulhosa da rapidez de raciocínio e execução dos netos. Neste contexto, ainda mais quando se cita a questão tecnológica, os avós teciam elogios e reconhecimento ao conhecimento e habilidade dos netos.

"Mas é engraçado, eles desde pequeninos que pegavam nos comandos da televisão e faziam com a maior das facilidades. Por exemplo, ir à televisão – ver o que está na BOX, anterior (...), mas naturalmente eles - vêm com mais neurônios, dizem – naturalmente pegam num comando. A pequenita admirava-me como ela conseguia. E eu dizia 'Como é que fizeste Ritinha?' e ela 'Já está avó!'. Naturalmente."

(Maria Fernanda, 68 anos)

Por fim, quando inqueridos sobre a sua satisfação em relação ao relacionamento a maioria dos avós afirma não querer mudar nada no mesmo. Mais ainda, 4 dos 8 avós, compara o relacionamento atual com o do passado e afirma ter, no presente, uma liberdade maior com seus netos.

"O que é melhor é que os netos têm mais liberdade hoje em dia com os avós né?! Mas acho que não piorou nada não. Mais liberdade para conversar. Não existe aquela distância que antigamente existia entre os avós e os netos. Senhor, senhora... mesmo a hierarquia."

(Sônia, 67 anos)

4.3.1.4 Categoria / Dispositivos tecnológicos na relação intergeracional

O relacionamento intergeracional é marcado por diversos influenciadores. Da proximidade física e relacional ao encontro de temas de interesse comum. Quando da perspectiva dos dispositivos tecnológicos, são diversos os posicionamentos dos avós entrevistados.

Quando questionados a respeito da pessoa a quem recorrem quando há alguma dúvida no uso dos dispositivos, 4 dos 8 avós entrevistados recorrem aos netos para resolver. No entanto, os demais participantes recorrem, também, a outra geração: a dos filhos. Tal comportamento nos mostra que nem sempre o apoio à tecnologia parte do que Prensky (2001) chama de ‘Nativos Digitais’.

Neste sentido, observou-se como os avós reconhecem o relacionamento dos netos com os dispositivos. Metade dos entrevistados, por exemplo, desaprova o uso de celular à mesa e utilizam este hábito como exemplo para mostrar o assíduo uso pelos netos.

"Por que eu acho que ele, se não fossemos nós, que vinha para a mesa comer com aquilo ligado e a ver os vídeos. Mas quando o avô chega, ou eu, ele desliga. Isto é sinal de respeito e nós agradecemos isso."

(Maria Elisabeth, 69 anos)

Em adição a isso, alguns avós – 3 dos 8 entrevistados – mostram saudosismo em relação à época em que os celulares não faziam parte do relacionamento.

"Quando antigamente não havia nada, era muito diferente. As pessoas conversavam mais, agora não. Por exemplo, eu as vezes venho para aqui (casa da filha onde aconteceu a entrevista) e ninguém me fala por que está a dar este programa ou aquele e as pessoas não falam."

(Arminda, 66 anos)

Da perspectiva da existência e frequência de uso dos dispositivos tecnológicos, metade dos avós afirma reconhecer nas TIC uma ferramenta de aproximação e afastamento. A aproximação de pessoas distantes, bem como do conhecimento em geral –

corroborando Rempusheski (2012), como exemplificam os avós Jorge e Fernanda que se recordavam dos ‘mecanismos de busca’ do passado.

"Ele hoje acessa a internet e eu, quer dizer, a internet é um mundo tão complicado e tão complexo que tem tudo. Eu, no meu tempo, não tinha, se fizesse alguma coisa eu tinha que ir para as bibliotecas."

(Jorge, 72 anos)

Ainda, reconhece-se como os dispositivos como afastadores quando as pessoas estão a utilizá-los e não interagem entre si. Neste sentido, todos os avós reconhecem a fragilidade da internet e dos dispositivos quanto ao mau uso dos mesmos.

"Tem as duas vertentes, não é? É preciso saber, ter, peso, conta e medida para tudo e tem que se saber – como é que hei de dizer – equilibrar. Por que o uso excessivo afasta, mas por contrário também. O tirar dúvidas, ajuda, entre ajuda, aproxima a pessoa."

(Maria do Rosário, 66 anos)

"As pessoas que vão lá e utilizam-na mal, não é? Fazem coisas que não devem. Por que se calhar a internet não tem culpa, não é? As pessoas é que vão para lá e fazem coisas que não deve."

(Joaquina, 63 anos)

Face à percepção da possibilidade de os dispositivos tecnológicos, bem como a internet e outras ferramentas, ‘fazerem mal’, 3 dos entrevistados acham cedo para os netos o acesso à tais dispositivos e ferramentas. Como a avó Joaquina que mostra um certo desconforto frente ao fato de a neta ter ganho um celular há pouco tempo.

"Quer dizer, a Margarida é que tem, o outro não tem. Bem a Margarida só teve esse ano, que foi pra outra escola, pro quinto ano e ganhou um telemóvel. Mas pronto, acho muito cedo."

(Joaquina, 63 anos)

Em conclusão, quando questionados diretamente sobre a participação dos dispositivos tecnológicos no relacionamento, a opinião dos participantes diverge em diversos aspetos. Metade dos entrevistados acredita que os dispositivos tecnológicos não estão presentes no relacionamento. O avô Jorge, inclusive, afirma que relacionamentos e tecnologia não poderão conviver, já que os dispositivos tomam toda a atenção.

"Não, não por que são coisas exatamente incompatíveis. Ele tá com o telemóvel a mão, ambos estamos em silêncio."

(Jorge, 72 anos)

Ou o caso da avó Arminda que, assim como a neta, não é grande adepta dos dispositivos tecnológicos. No dia-a-dia, quando juntas, ambas procuram interagir ao redor da costura, hobby que partilham. Assim, quando estão juntas não há qualquer participação dos dispositivos tecnológicos.

Em contrapartida, os demais avós reconhecem os dispositivos como presentes no relacionamento e dia-a-dia com seus netos. No entanto, são diversas as perspectivas dessa participação.

Para as avós Sônia e Rosário, os dispositivos fazem parte do relacionamento como tópico de conversas e dúvidas. É no relacionamento diário que as mesmas conversam com as netas, tiram dúvidas e conhecem melhor os dispositivos.

"O tirar dúvidas, ajuda, entre ajuda, aproxima a pessoa. No meu caso, por exemplo, que não sei, a Beatriz ajuda, é uma aproximação que nós temos, não é verdade?"

(Maria do Rosário, 66 anos)

Já para as avós Elisabeth e Fernanda – ambas, em questão anterior, comprovadamente usuárias frequentes das TIC – os dispositivos tecnológicos estão presentes no relacionamento, também, como ferramentas. No entanto, um importante adendo feito pela avó Fernanda em comparação do dia-a-dia com a atividade gamificada, mostra que, muitas vezes o uso dos dispositivos afasta as gerações.

“Eu estive muito mais calma com ela e tivemos a partilha das novas tecnologias. Teve o tempo da máquina, o nosso – do nosso conhecimento, mesmo o dela e o meu -, teve o tempo do moderno, teve o tempo do mais antigo e houve convívio, não houve separação. A máquina não nos separou, pelo contrário, uniu-nos.”

(Maria Fernanda, 68 anos)

4.3.2 Discussão e análise | Netos

4.3.2.1 Categoria | Sociodemográfica

Em relação aos netos do estudo, dos 9 netos participantes, 7 eram do sexo feminino e 2 do sexo masculino. Com idades variando entre 10 e 17 anos, a média de idade dos participantes era de 12 anos. Todos moram com os pais e são residentes e estudantes no distrito de Aveiro. Dos netos no estudo, apenas a neta Valentina é filha de pais separados e mora com a mãe e avó – todas brasileiras – na cidade de Aveiro.

Entre os participantes, a média era de 3 avós vivos. Contudo, a maioria dos participantes presentes realizaram o estudo com avós, ou avô, da parte materna, com exceção à avó Elisabeth e avó Maria Olga que são avós paternas. A presença, maioritária, de avós maternas pode corroborar o que foi dito em Oliveira e Pinho (2013) da proximidade maior dos netos com os avós maternos.

Dos netos participantes, em relação à sua escolaridade, todos frequentam a escola e, a época do estudo cursavam entre o 4º e o 11º ano. Com destaque para os netos Tomé e Eneiva que já iniciavam o processo de escolha profissional, em vista da proximidade da conclusão do ensino fundamental.

4.3.2.2 Categoria / Dispositivos tecnológicos

Como já apresentado, para a seleção do grupo de estudo, a posse ou acesso a dispositivos tecnológicos, nomeadamente celulares, computadores portáteis e outros, era pré-requisito. Ainda que os avós tenham passado pelo mesmo crivo, a quantidade de dispositivos que os netos possuíam era bastante superior, comparativamente com os avós.

Todos os netos entrevistados possuem dispositivo tecnológico, contudo, não eram todos portadores de celular. Uma das netas, Valentina, não possuía o dispositivo móvel e, para acesso esporádico, utilizava o da mãe.

Dos 9 netos entrevistados, 7 possuem computadores em casa, destes 1 possui portátil e 3 possuem *tablet*. Ainda, dos participantes que não possuem computador em casa, 4 possuem portátil e 1 *tablet*. Assim, a fim de equiparar os indivíduos, as informações de acesso ao dispositivo (número de acessos diários, utilização, etc.) é analisado, primariamente, da perspectiva do celular e, no caso da neta Valentina, aborda-se o outro dispositivo de maior interação, o portátil. Em caso imprescindível de avaliar o consumo do celular, observa-se o comportamento quando usando o dispositivo da mãe. Quanto à frequência de utilização, apenas 2 netas afirmam ir aos dispositivos de 1 a 2 vezes por dia. No que diz respeito aos demais participantes, o acesso varia entre médio – 2 netos – e alto – 5 netos. Considera-se, aqui, a alta frequência de utilização no que gira em torno de mais de 6 acessos por dia.

Em relação à literacia nos dispositivos tecnológicos dos netos entrevistados, apenas uma das netas, Ana Carolina, afirma ter baixo grau de conhecimento no manuseio dos dispositivos. Os restantes 8 netos, apresentam literacia média e alta no dispositivo utilizado.

Relativamente ao aprendizado para o uso dos dispositivos, temos 7 participantes que aprenderam, sozinhos, a utilização dos mesmos. Ainda que 2 destes afirmem que a escola e os pais tenham auxiliado de alguma maneira, todos reafirmam que foi sozinho que adquiriram a maior parte de seu conhecimento. Neste caso, White (2010), mais uma vez, parece estar certo quando refere que a utilização frequente fornece experiência e literacia no uso dos dispositivos.

A maioria dos netos – 5 dos 9 indivíduos, considerando que apenas 8 possuem tal dispositivo – utilizam o celular, sobretudo, para o acesso à internet e redes sociais. Até mesmo a neta Valentina afirma que, quando no celular da mãe, utiliza redes sociais e vídeos. A alta frequência de utilização do dispositivo e a utilização do mesmo para postagem e partilha de matéria, vai de encontro à Ricoy et al. (2016) no que diz respeito ao dispositivo como ferramenta de produção de conteúdo.

“(...) se eu tiver tempo, se minha mãe deixar e se eu quiser eu posso ficar o dia inteiro. É uma coisa que eu gosto.”

(Valentina, 10 anos)

Em contraste com o comportamento dos avós, apenas metade dos netos possui Facebook. Contudo, 5 afirmam possuir redes sociais, sendo elas Facebook, Instagram e Snapchat. Ainda, 4 dos 9 netos participantes não possuem perfil em redes sociais. A neta Ana Carolina já possuiu perfil, mas excluiu o mesmo.

“Tenho, mas já encerrei a conta no Facebook, já tive. (...) Por que eu tinha um telemóvel, só que depois tive de o dar a minha mãe, por que a minha mãe, o dela já era muito velho e acabou-se por se estragar e eu troquei (...). Meu irmão o tinha aí, por que está todo partido e eu acabei por ficar com ele... (...). Não, eu gosto mais de costura. De fazer malhas, fazer macramê, sou muito mais do macramê.”

(Ana Carolina, 12 anos)

No que respeita à frequência de acessos às redes sociais, observa-se um inesperado distanciamento das mesmas. A maioria dos netos que possuem perfil em rede social, afirma acessar o mesmo menos de 4 vezes ao dia. O único participante que afirmou acessar o perfil mais de 6 vezes ao dia – o que caracteriza um alto número de acessos – foi o neto Tomé, o mais velho entre os netos entrevistados.

Assim como aos avós, em conclusão à categoria de dispositivos tecnológicos, perguntou-se aos netos qual era o papel da tecnologia em sua opinião. Todos os netos afirmam que

a tecnologia desempenha importante papel para o mundo, mas as opiniões a respeito de qual o seu benefício, são diversas. Dos 9 netos entrevistados, 3 afirmam que as TIC são importante meios e ferramentas de comunicação, 3 apontam as TIC como fonte de entretenimento e conversa, 1 aponta como uma ferramenta para melhorias e, por fim, apenas 1 dos netos reconhece as TIC como fonte importante de conhecimento.

4.3.2.3 Categoria / Relação intergeracional

Tendo em mente a proximidade habitacional das duplas e trio, já explanados anteriormente, na análise de avós, os dados coletados com referência à intimidade, paciência e relacionamento em si foram contrastados. Nesta ótica, observa-se se a proximidade de casas e frequência de contato pode alterar o comportamento dos participantes.

Assim, dada a frequência de contato, os netos entrevistados relataram o grau de proximidade e intimidade com seus avós. Com exceção ao neto Pedro que relatou baixa proximidade com o avô, sendo o relacionamento mais cordial e de respeito, todos os demais netos afirmam terem média ou alta proximidade com os avós.

"Acho que a proximidade é pouca por que não falamos muito, mas também, ao mesmo tempo, estamos um com o outro e pronto."

(Pedro, 12 anos)

Em contrapartida, mantendo a visão das avós entrevistadas, as netas Ana Carolina, Valentina, Beatriz e Morgana, reforçam a condição de amigas e confidentes das avós. Além destas, as demais netas e neto reforçam uma amizade com os avós e o reconhecimento dos mesmos como porto seguro.

"Acho que somos as melhores amigas. Por que eu estou praticamente com a minha avó, há muitos verões que passo com minha avó e acho que nós criamos uma ligação forte."

(Ana Carolina, 12 anos)

Desta maneira, 2 dos netos entrevistados, ainda apontam os avós como uma fonte de apoio complementar aos pais. Tal fonte, não apenas de conhecimento, como veremos a seguir, mas, também, de amparo e apoio emocional.

"Às vezes quando eu me chateio com alguma amiga na escola eu vou lá e pergunto para ela. Ou mesmo que estou triste vou ter com ela."

(Valentina, 10 anos)

Quando questionados, os avós afirmaram ter uma legítima preocupação com desenvolver tópicos de interesse dos netos, conforme secção 4.3.1.3. Os netos, ainda que em menor proporção, apresentam a mesma preocupação. Dos entrevistados, 3 netos afirmam buscar assuntos que gerem interesse nos avós.

"Volta e meia falamos sobre política, coisas assim. Que me parece que lhes interessa. Procuro falar mais de coisas que possam interessar, que sei que a maior parte das coisas que eu iria, que eu poderia falar não lhes interessam para nada."

(Tomé, 17 anos)

Além da proximidade emocional e sentimental criada, quando questionados sobre o reconhecimento da capacidade do outro em transmitir conhecimento, os netos demonstram um claro reconhecimento. Reforçando António (2010), 7 dos 9 netos entrevistados referem-se aos avós como pessoas altamente qualificadas a transmitir conhecimento.

As 2 únicas netas que se referem às avós como baixa fonte de conhecimentos são as netas Margarida e Ana Carolina. Coincidentemente, são as respectivas netas das avós Joaquina e Arminda que, em análise anterior, referem-se às netas como pouco qualificadas na transmissão de conhecimento.

Ainda relativamente à recepção de conhecimento da outra geração, 3 casos são destaque quanto à passagem de conhecimento diverso. É o caso das netas Beatriz, Morgana e Ana Carolina que herdaram das avós ou avô o gosto por alguns hobbies. Esta

última, curiosamente, afirma não reconhecer na avó fonte de conhecimento, mas possui o hobby recebido da avó, em grande estima.

"Às vezes com o avô costumo o ver a fazer alguns quilling, desenhos e com a avó costumo vê-la a fazer patchwork e as vezes mantas para as camas minhas e dos meus primos (...). Às vezes não é só ver os avós a fazer que quero fazer. Às vezes estou no Pinterest ou no Youtube e vejo algumas coisas a fazer e a seguir vou logo fazer."

(Morgana, 10 anos)

Quando inqueridos a respeito do reconhecimento de si mesmo como transmissor de conhecimento, temos 8 dos 9 inqueridos a afirmar que são pessoas moderadamente ou totalmente fiáveis na transmissão de conhecimento. Dá-se, aqui, destaque à neta Ana Carolina que classifica sua capacidade de transmitir conhecimento como baixa.

Ainda, diferente dos demais participantes, a neta Morgana, afirma ter capacidade mediana de transmissão de conhecimento. Quando questionada do porquê não se achar totalmente capaz, a neta reconhece que a falta de paciência pode dificultar o processo.

"As vezes não tenho muita paciência. (...) As vezes explico, mas explico muito rápido e as pessoas não compreendem, e tenho que explicar outra vez e pronto."

(Morgana, 10 anos)

Neste sentido, em relação aos netos que reconhecem os avós como fonte de conhecimento, temo uma referência bastante recorrente à Forghani e Neustaedter (2014) quando da afirmação de avós serem indicados como fonte de conhecimento geral e diverso pelos netos. Dos 9 netos participantes, 6 afirmam que os avós são fonte credível de conhecimento histórico. Ainda, a maioria destes inqueridos reforça que, quando em dúvida ou curiosidade com história, é aos avós quem recorrem.

"Ela ensina-nos coisas e fala sobre coisas que eu não pude ver. Por exemplo, ainda outro dia estivemos a falar do 25 de Abril."

(Eneiva, 16 anos)

Contudo, ainda que os netos, em sua maioria, reconheçam nos avós figuras credíveis e fiáveis, há uma percentagem – 4 dos 8 – dos entrevistados que não recorre aos avós na busca por ajuda ou conhecimento. Estes netos relatam que, dificilmente, quando tem dúvidas, recorrem aos avós para apoio. Tal comportamento reforça o apresentado por Strom e Strom (2013) quando da negação dos netos em buscar ajuda aos avós.

"Por acaso é raro pedir assim ajuda para qualquer coisa específica."

(Tomé, 17 anos)

No entanto, quando induzidos a pensar em que momentos específicos recorrem aos avós, foram diversos os exemplos. Dos inqueridos, 3 indicam a procura das avós para auxílio em tarefas escolares – todas as avós, neste caso, são professoras aposentadas. Temos, ainda, 3 outros netos que indicam buscar o aconselhamento através da vivência dos avós, a neta Ana Carolina que afirma buscar apoio da avó quando na costura – hobby que partilham – e a neta Margarida que afirma não recorrer a avó para nenhum tipo de assunto.

"As vezes à mãe, as vezes desenrasco-me sozinha, outras vezes à tia. Acho que não estou a me lembrar de nada (que peça à avó)."

(Margarida, 10 anos)

Por fim, quando questionados da satisfação com o relacionamento intergeracional, a maioria dos netos afirmam não querer mudar nada. Apesar da aparente satisfação da maioria, o neto Pedro – mesmo que afirmou ter baixa intimidade com o avô – afirma que mudaria, sim, alguns aspectos do relacionamento.

"Mudaria... Para estar mais tempo. Para fazermos coisas mais.... Para estarmos mais tempo juntos. Para fazer novas coisas, experimentar novas atividades."

(Pedro, 12 anos)

4.3.2.4 Categoria | Dispositivos tecnológicos na relação intergeracional

Da perspectiva dos mais novos, os influenciadores no relacionamento intergeracional podem ser diversos. Face às dificuldades em compreender o mundo totalmente e o desafio de conviver com gerações tão distintas, são muitos os fatores que permeiam o julgamento, vivência e percepção de crianças e adolescentes.

Quando questionados a respeito da pessoa a quem recorrem quando há alguma dúvida no uso dos dispositivos, 6 dos 9 netos entrevistados recorrem aos pais para resolver. A participante Ana Carolina, por exemplo, não consulta os pais, mas o irmão mais velho. Os demais participantes, Eneiva e Tomé – os mais velhos do experimento – recorrem, curiosamente, ao Google.

Diferente dos avós, na perspectiva da capacidade de aproximar ou afastar gerações, a opinião dos netos se divide. Apenas 3 dos 9 netos, afirma reconhecer a dualidade das TIC, sento esta uma ferramenta de aproximação e afastamento. A aproximação de pessoas distantes, bem como do conhecimento em geral. Todos os netos com esta posição citam exemplos semelhantes, como é o caso da neta Íris.

"Às vezes pode aproximar quando as pessoas estão longe e falam com todas. Mas também pode afastar quando estão todas juntas e no telemóvel."

(Íris, 10 anos)

Ainda, quanto ao reconhecimento dos dispositivos como afastadores, há o mesmo exemplo dado pelos avós: quando as pessoas estão a utilizá-los e não interagem entre si.

Contudo, diferente do grupo de avós, há aqui 3 netos que reconhecem nos dispositivos, nas TIC como um todo, um importante instrumento de aproximação apenas. Neste

sentido, os participantes reforçam o fato de que, sem os dispositivos, não seria possível estarmos tão próximos e em contato com pessoas distantes.

Por fim, quando questionados diretamente sobre a participação dos dispositivos tecnológicos no relacionamento a maioria dos entrevistados afirma que estão presentes. Em adição a esta afirmação, são providos diversos exemplos. É o caso dos netos Tomé e Morgana que veem na presença dos dispositivos, respetivamente, uma ferramenta de barganha de conhecimento para os netos e uma ferramenta de apoio no ensino para os avós.

“(...) um bocado da perspectiva que eu tenho de não saber como era antes e não saber se havia alguma coisa que os netos poderiam ter para ensinar os avós que eu ainda não tenho precisamente por que me foco mais nas novas tecnologias.”

(Tomé, 17 anos)

“Sim, por que muitas as vezes eles conseguem explicar, conseguem me dizer, só que eu não consigo imaginar e então podem ir à internet e ver imagens ou isso. Eu assim, já consigo entender melhor.”

(Morgana, 10 anos)

4.4 Resultados da observação direta

A observação direta teve como propósito observar e registrar os comportamentos dos participantes e influências do exterior, relativamente às duas atividades realizadas.

Consideraram-se fatores que pudessem interferir na realização e resultado final das atividades, nomeadamente:

- Ambiente externo à atividade;
- Imprevistos anteriores à atividade;
- Comentários e comportamentos fora da atividade;
- Aspectos emocionais dos participantes.

4.4.1 Atividade gamificada | observação direta

A primeira atividade do estudo, realizada entre os dias 21/04 e 09/05/2017, deu-se no edifício do Departamento de Comunicação e Arte, em horário laboral. Além disso, após agendamento prévio das datas, as duplas e trio deveriam encontrar-se com a equipe de investigação no local. Os participantes não sabiam como seria a atividade, apenas que se tratava de um estudo entre avós e netos.

Por se tratar de um edifício educacional para o curso de Música, entre outros, durante toda atividade podia-se ouvir o som de instrumentos. Desta maneira, podia-se perceber que a maioria dos participantes, na chegada e após a atividade acabavam por perceber as melodias. Como foi o caso da avó Fernanda quem à chegada, comentou:

“Temos aqui uma bela banda sonora, isso com certeza.”

(Maria Fernanda, 66 anos)

Contudo, o fato de se tratar de um edifício acadêmico trouxe, também, alguns contratempos negativos. No dia 08/05 havia uma espécie de audição para os músicos do departamento e, todos os andares do edifício, estavam tomados por alunos a praticar. Tal tumulto acabou por dificultar aspetos como, a acomodação da dupla antes de entrar para o gabinete, o ruído nos corredores que distraiam a realização da atividade entre outros aspectos.

A respeito da acomodação das duplas antes de entrarem à sala, observou-se que a espera era, por vezes benéficas para análise comportamental. Ao chegarem ao edifício as duplas eram acomodadas em uma antessala do departamento e, ali, eram observadas. Alguns comportamentos sobressaíram, como o da avó Elisabeth que passou todo o tempo de espera ao celular ou a avó Maria Olga que, durante a espera, recebia instruções das netas a respeito da atividade.

Quanto ao tempo de espera do momento de chegada e de entrada à sala, alguns aspectos se destacaram. Nos dias 26/04 e 06/05 a equipe de investigação atrasou-se para a chegada ao espaço e isso gerou algum desconforto nas duplas. Por exemplo, a avó Maria Olga, que havia solicitado – na realidade a cuidadora solicitou – que a

atividade fosse feita com as 3 netas, mas devido ao atraso da equipe, uma delas não pode participar.

Ainda, antes de entrarem na sala era solicitado aos participantes que assinassem os termos de participação e utilização da imagem. Neste momento alguns avós e pais mostraram-se um pouco desconfortáveis. Tal desconforto dava-se ao fato de não estarem muito familiarizados com o que seria feito das filmagens realizadas. Inclusive, durante a atividade, alguns netos reconhecem o material de filmagem e fazem referência a eles para os avós.

Por fim, todos os participantes se mostraram bem-dispostos e em bom humor na chegada à sala. De todas as duplas, destacam-se três duplas por comportamentos interessantes. Tais duplas, de alguma maneira, diferenciaram-se das demais quando da disposição para a realização da atividade gamificada.

A avó Elisabeth e o neto Tomé, desde a chegada ao espaço, mostravam-se muito sérios e compenetrados. Mesmo durante a explicação da atividade, na qual a investigadora fazia algumas brincadeiras para aliviar a tensão, os participantes mantiveram-se sérios. A avó, neste caso, parecia estar um pouco atarefada com outros assuntos e, por esse motivo, mesmo durante as explicações, manteve-se ao celular.

O avô Jorge e o neto Pedro foram outro exemplo de comportamento que se destacou. A dupla – que realizou a atividade no dia 08/05 – chegou bastante disposta para a realização da atividade e, durante todo o momento, mostrou-se extremamente empolgada com o que estava para acontecer.

“Não se preocupe com nada, estamos aqui para o que precisar. (...) Com certeza, estamos a 100%. ”

(Jorge, 72 anos)

A terceira dupla de destaque, foram a avó Rosário e a neta Beatriz. A dupla, mesmo durante a atividade, esteve muito bem-disposta e brincalhona. As participantes, mais do que todos os outros, pareciam extremamente próximas e confortáveis com a situação. Sempre a fazer piadas e a gozar uma com a outra, a dupla era só risadas antes de entrarem na sala.

4.4.2 Entrevistas individuais semiestruturadas | observação direta

A entrevistas individuais realizaram-se, com agendamento prévio, na casa de cada um dos participantes. Após a realização da atividade gamificada, as duplas eram contatadas para marcação de um dia e espaço convenientes para a realização da entrevista. Mesmo que não fosse mandatório – e a equipe de investigação propusesse diferente – todas as duplas e trio solicitaram que a realização das entrevistas fosse com cada um dos participantes, no mesmo dia e local.

Desta maneira, entre os dias 22/04 e 17/05/2017 realizaram-se 17 entrevistas individuais. Tais entrevistas aconteceram, em grande parte na casa dos avós, com exceção das entrevistas das participantes Ana Carolina e Arminda, que se realizaram na casa da neta, e da avó Maria Olga com suas netas Íris e Eneiva, que, a pedido da cuidadora da avó, se realizaram no Departamento de Comunicação e Arte, logo após a atividade gamificada.

As residências nas quais as entrevistas ocorreram eram tranquilas, arejadas e bem iluminadas, em geral. Contudo, na casa da avó Joaquina, alguns imprevistos tornaram a entrevista um pouco mais demorada e difícil.

Em vista de a entrevista ter-se realizado na área externa da casa, o constante barulho de obras, próximas à casa, pássaros e tráfego, dificultaram a captação de áudio. Além disso, no momento da entrevista, estavam presentes na casa, além da avó e da neta Margarida, o neto mais novo da avó. A criança, de cerca de 3 anos, fez muito barulho e brincava com a avó no decorrer da entrevista, o que tirava a atenção da avó na maior parte do tempo. Ainda, durante a entrevista da avó a neta do meio, de 5 anos, chegou a casa e a entrevista teve de ser interrompida.

No caso da interrupção mediante a chegada da neta de 5 anos, foi uma intervenção benéfica ao estudo. Quando a neta chegou, junto com uma tia, a mesma veio gritando e correndo para o encontro da avó. Apenas no momento em que percebeu a presença de estranhos e a câmera, a neta ficou tímida e apreensiva. Entretanto, a atitude da neta na chegada possibilitou à equipe compreender, um pouco melhor, o relacionamento intergeracional na família.

“É a irmã da Margarida, mas agora ela viu que estão aqui e já... Agora já tem vergonha, pois. São vocês... ela vinha toda contente por que achava que não estava aqui ninguém. Ela é muito envergonhada. Sempre que chega corre a me abraçar, quer uma quer outra.”

(Joaquina, 63 anos)

Algumas entrevistas apresentaram contratempos prévios à sua realização. Foi o caso da entrevista com a avó Arminda e Ana Carolina que, em vista de problemas com a equipe de investigação, teve de ser adiada. Assim, no dia da realização da entrevista as participantes relataram o sentimento da neta frente ao adiamento:

“E ela (a neta) foi ter à minha casa, já toda arrumada, tristonha por que não viriam. E eu disse à ela ‘Não há o que fazer, não há autocarros.’ E assim foi.”

(Arminda, 66 anos)

Em adição, anterior à entrevista da avó Maria do Rosário e da neta Beatriz, outro imprevisto conta um pouco mais a respeito do relacionamento entre avó e neta. Quando da chegada da equipe de investigação à casa da avó, a mesma diz não estar à espera. Ainda que a investigadora afirmasse que marcaram a atividade para aquele dia e horário, a avó não parecia recordar. No entanto, realizou-se, na mesma a entrevista e, durante a mesma, pode-se perceber que a avó já apresentava alguns sinais de esquecimento e era a neta quem a ajudava a recordar o que era preciso.

“Quando eu preciso de alguma coisa é claro que ela também faz. E quando eu não me lembro as vezes peço à Beatriz ‘Olha, lembra-me para fazer isso ou lembra-me que eu tenho de fazer aquilo’. Por que claro, a memória já não é o que era e eu sinto necessidade de ter assim, aquele apoiozito.”

(Maria do Rosário, 66 anos)

Ainda que não anterior à entrevista, mas um acontecimento durante a entrevista do neto Pedro e seu avô Jorge, também mostra um pouco mais do relacionamento.

Durante a entrevista o avô recebe o telefonema da filha, mãe de Pedro, a dizer que o filho havia perdido a atividade de apoio escolar daquela tarde. Por sua vez, o avô, nos informa que esqueceu do compromisso e pede que sejamos rápidos na entrevista, para que o neto possa ir no próximo horário.

No decorrer de todas as entrevistas alguns comportamentos e comentários foram observados. Como o hábito de sempre envolver o neto nas respostas dadas, como o caso da avó Fernanda que, esporadicamente, acenava à neta em busca de complemento à resposta. Ou a avó Maria do Rosário que, sempre que tinha alguma dúvida, pedia auxílio à neta.

Ou, como o caso da avó Elisabeth e seu neto Tomé e avó Joaquina e Margarida que foram os únicos a deixar a sala para a entrevista do outro participante. Dessa maneira, cada um dos participantes, ainda que na mesma casa, teve espaço para privacidade em suas respostas. O mesmo não aconteceu de maneira fluída para os demais participantes que se mantiveram sempre na sala, enquanto o outro era entrevistado. Foi o caso, por exemplo da avó Fernanda e sua neta Morgana.

Quando a entrevistadora questionou a neta a respeito da satisfação com o relacionamento com a avó, Morgana mostrou-se muito constrangida. Nesse momento a entrevistadora pede à avó que dê privacidade à neta e a avó. No entanto, mesmo tendo saído da sala a avó, quando retorna, questiona a neta sobre sua resposta.

“Não há problema minha filha. Tens de responder o que realmente acha. A avó não fica brava contigo por isso.”

(Maria Fernanda, 68 anos)

Em geral, os participantes estavam bem-dispostos e interessados na realização da entrevista. Contudo uma das netas entrevistadas destacou-se pela timidez e dificuldade na obtenção de respostas. A neta Margarida, 10 anos, ainda que sem a presença da avó, esteve muito retraída e evasiva durante a entrevista. Tal comportamento dificultou a obtenção de respostas, bem como a compreensão da percepção da neta no relacionamento. Ainda, netos como o Pedro ou o caso relatado

da neta Morgana, mostraram-se um pouco constrangidos pela presença dos avós na sala.

5 ROTEIRO E PLANEJAMENTO DO ARTEFATO AUDIOVISUAL

5.1 Introdução

O documentário produzido, denominado ‘Enytre avós, netos e tecnologia’, volta-se à apresentação das atividades realizadas no estudo. Partindo, especialmente do entendimento da troca de conhecimento entre avós e netos no contexto do uso de dispositivos tecnológicos. O documentário, através de uma abordagem sentimental e linear, busca apresentar as perspectivas da troca de conhecimento, seja ele em ambiente formal ou informal.

Através da criação de um roteiro pós captação de material, o documentário divide-se em três momentos complementares, designadamente: apresentação do projeto, atividade gamificada e entrevistas individuais. Seguindo os preceitos definidos por Soares (2007) explora-se neste documentário a reflexão da realidade, no entanto de maneira aproximada dela.

5.2 Roteiro

A primeira parte do documentário se inicia com o sentimento de uma das avós em relação aos cuidados com seu neto. De maneira sutil o depoimento da avó Elisabeth induz uma atmosfera sentimental ao que será apresentado a seguir. Em seguida à introdução, a investigadora no estudo apresenta, suscitantemente o projeto e introduz aos espectadores o conteúdo do documentário.

A segunda parte de ‘Entre avós, netos e tecnologia’, denominada ‘Atividade gamificada: O gabinete do cientista. Uma brincadeira repleta de partilha’, apresenta, linearmente, as pistas propostas aos participantes, alternando com depoimentos referentes à atividade e os sentimentos dos participantes envolvidos. Os vídeos foram escolhidos de maneira a mostrar a vivência de cada uma das duplas, bem como sua percepção da atividade.

A terceira e última parte do documentário, ‘Entrevistas individuais: uma conversa repleta de sentimentos’, traz as entrevistas realizadas. Intencionalmente, todos os participantes fazem parte do artefato e, aqui, pode-se perceber como cada um deles se

sente e percebe a relação. A disposição das entrevistas leva em consideração a categorização realizada na secção 3.5.2.

A princípio introduz-se o conhecimento dos participantes frente a utilização dos dispositivos tecnológicos. Em seguida os participantes compartilham sua percepção do uso e conhecimento da outra geração. Ainda, apresenta-se o reconhecimento da tecnologia como objeto de afastamento ou aproximação de gerações. Em contrapartida, os participantes compartilham as diversas vertentes de troca de conhecimento que acontecem no relacionamento, como a passagem de tradições e cuidados com a casa ou hobbies. Ao final, os avós discutem as diferenças entre os avós do passado e abordam sua percepção do papel de avós.

Utiliza-se, durante todo o artefato audiovisual, como descrito anteriormente, os participantes em situação de entrevista, alternando, no caso da segunda parte, com as imagens da atividade gamificada. As entrevistas, neste artefato, são o fio condutor da história, na qual os entrevistados descrevem sua vivência, percepção e sentimentos.

6 CONCLUSÕES

Este estudo, frente ao material coletado, categorizado e analisado, observou que dispositivos tecnológicos são, de maneira geral, parte do relacionamento entre avós e netos. Tal participação é fruto de diversos fatores, mas em especial: troca de conhecimento quanto ao manuseio e utilização dos dispositivos e a convivência de tradições e pensamentos tradicionais com a utilização de tais dispositivos.

Das atividades realizadas, atividade gamificada e entrevista individual, observou-se que as limitações físicas no uso dos dispositivos tecnológicos, podem afastar, de maneira efetiva, a geração mais velha das TIC. Além disso, o jogo proposto mostra que, além da convivência precoce com a tecnologia, a sua frequência de uso pode, também, instruir o usuário quando do seu uso.

Frente às dificuldades e conhecimentos dos avós, outro comportamento mostra-se frequente: quanto menos literados no uso de dispositivos tecnológicos, sejam netos ou avós, menor é a paciência quando da operação da mesma e frente ao outro. Ainda, quando da aceitação da presença dos dispositivos no relacionamento pode-se observar que, em especial durante as entrevistas, alguns comportamentos, ainda que natural para os netos, não é apreciado pelos avós. Como a utilização dos celulares durante as refeições.

Desta maneira, uma importante conclusão às atividades pode ser feita. Dispositivos tecnológicos fazem parte do relacionamento intergeracional e são, por vezes, tópico de conversa e ferramenta para a troca de conhecimento. Contudo, por diversas vezes, os mesmos dispositivos que unem gerações, podem afastá-las quando uma ou outra não tem literacia suficiente para acompanhar os demais ou quando toda a atenção está voltada para o dispositivo. Inibindo e afastando, assim, a convivência e a troca de conhecimento corriqueiro.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abdullah, M. Y., Salman, A., Abdul Razak, N., Mohd Noor, N. F., & Abdul Malek, J. (2011). Issues affecting the use of information and communication technology among the elderly: A case study on JENii. In *2011 IEEE 10th Malaysia International Conference on Communications* (pp. 29–32). E-Community Research Center, Faculty of Social Sciences and Humanities, Universiti Kebangsaan Malaysia, Bangi, Selangor, 43600, Malaysia: IEEE. <https://doi.org/10.1109/MICC.2011.6150294>
- António, S. (2010). *Avós e netos : Relações Intergeracionais; a matrilinidade dos afectos*. (Instituto Superior de Ciências Políticas, Ed.) (1st ed.). Lisboa: Fábrica das Letras Lda.
- Aries, P. (2006). *História social da criança e da família* (2nd ed.). Paris: LTC.
- Barbosa, A. A., Barbosa, A. A. M., Cheiran, J. F. P., & Vieira, M. C. (2010). Inclusão digital na terceira idade: avaliação de usabilidade em sites de cadastro de correio eletrônico. *RENTE - Revista Novas Tecnologias Na Educação*, 6(1). Retrieved from <http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/14470>
- Baym, N. K. (2010). *Personal Connections in the Digital Age*. (N. K. Baym, Ed.) (1st ed.). Cambridge: Polity Press.
- Braez, M. (2012). Sobremesa. Retrieved January 25, 2017, from <https://www.youtube.com/watch?v=UtJqTOrx4TE>
- Canal Futura. (2016a). Do mundo real ao virtual: Série EnvelheSer. Retrieved January 13, 2017, from https://www.youtube.com/watch?v=R7Ub_pYnmT8&list=PLr9rJJI40KDF_5rHHiFoXGkxebcXSQDKw
- Canal Futura. (2016b). O choque geracional e a educação para a velhice: Série EnvelheSer. Retrieved January 13, 2017, from https://www.youtube.com/watch?v=R7Ub_pYnmT8&list=PLr9rJJI40KDF_5rHHiFoXGkxebcXSQDKw
- Canal Futura. (2016c). O idoso e a família: Série EnvelheSer. Retrieved December 1, 2017, from https://www.youtube.com/watch?v=R7Ub_pYnmT8&list=PLr9rJJI40KDF_5rHHiFoXGkxebcXSQDKw

- Canal Futura. (2016d). Ser velho hoje: Série EnvelheSer. Retrieved January 12, 2017, from
https://www.youtube.com/watch?v=R7Ub_pYnmT8&list=PLr9rJJI40KDF_5rHHiFoXGkxebcXSQDKw
- Colombo, F., Aroldi, P., & Carlo, S. (2014). "Stay Tuned": The Role of ICTs in Elderly Life. *Studies in Health Technology and Informatics*, 203, 145–156.
<https://doi.org/10.3233/978-1-61499-425-1-145>
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J. R. C., & Vieira, S. R. (2009). Investigação-acção : metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação E Cultura*, 13(2), 355–379. Retrieved from
<http://hdl.handle.net/1822/10148>
- Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice : socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. Editora da Universidade de São Paulo.
- Dias, C. M. de S. B., & Silva, M. A. S. e. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia Em Estudo*, 8(spe), 55–62.
<https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300008>
- Diga, K., & May, J. (2016). The ICT Ecosystem: The Application, Usefulness, and Future of an Evolving Concept. *Information Technology for Development*, 22(1), 1–6.
<https://doi.org/10.1080/02681102.2016.1168218>
- Dorman, C. (2011). Old people vs new technology. Retrieved January 13, 2017, from
<https://www.youtube.com/watch?v=4DeW00atojA>
- Engel, G. I. (2000). Pesquisa-ação, 181–191.
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.5380/educar.v16i16.2045>
- Eurostat, NU, INE, & PORDATA. (2015). Censos da População. Retrieved November 18, 2016, from <http://www.pordata.pt/Subtema/Portugal/Censos+da+População-27>
- Fagundes, E. (2015). Avós da experiência. Retrieved January 10, 2017, from
<https://www.youtube.com/watch?v=dWW5ky8emyl>
- Filho, A. M. S. (2001, June). A Era da Informação. *Revista Espaço Acadêmico*, 1.
<https://doi.org/ISSN 1519.6186>
- Forghani, A., & Neustaedter, C. (2014). The routines and needs of grandparents and parents for grandparent- grandchild conversations over distance. In *Conference on Human Factors in Computing Systems - Proceedings* (pp. 4177–4186). School of

- Interactive Arts and Technology, Simon Fraser University, 250- 13450 102nd Avenue, Surrey, BC, Canada. <https://doi.org/10.1145/2556288.2557255>
- Freytag, J., & Rauscher, E. A. (2017). The Importance of Intergenerational Communication in Advance Care Planning: Generational Relationships among Perceptions and Beliefs. *Journal of Health Communication*, 22(6), 488–496. <https://doi.org/10.1080/10810730.2017.1311971>
- Frochtengarten, F. (2009). A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho. *Psicologia USP*, 20(1), 125–138. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000100008>
- Goncalves, V., & Patricio, M. (2010). INFORMATION TECHNOLOGY FOR GRANDPARENTS AND GRANDCHILDREN. In I. Chova, LG and Belenguer, DM and Torres (Ed.), *3RD INTERNATIONAL CONFERENCE OF EDUCATION, RESEARCH AND INNOVATION (ICERI2010)* (pp. 3328–3332). LAURI VOLPI 6, VALENICA, BURJASSOT 46100, SPAIN: IATED-INT ASSOC TECHNOLOGY EDUCATION A& DEVELOPMENT.
- Grandparents Plus. (2014). Grandparents in Europe: Helping with childcare. Retrieved January 21, 2017, from <https://www.youtube.com/watch?v=3bdlnYlzp0>
- Harper, S. (2005). Grandparenthood. In Malcom L. Johnson (Ed.), *The Cambridge Handbook of Age and Ageing* (pp. 422–428). New York: Cambridge University Press. Retrieved from http://assets.cambridge.org/97805218/26327/frontmatter/9780521826327_frontmatter.pdf
- Helsper, E., & Enyon, R. (2009). Digital natives: where is the evidence? *British Educational Research Journal*, 18. <https://doi.org/10.1080/01411920902989227>
- Hurme, H., Westerback, S., & Quadrello, T. (2010). Traditional and new forms of contact between grandparents and grandchildren. *Journal of Intergenerational Relationships*, 8(3), 264–280. <https://doi.org/10.1080/15350770.2010.498739>
- INE, & PORDATA. (2015). Sociedade de Informação e Telecomunicações. Retrieved November 18, 2016, from <http://www.pordata.pt/Subtema/Portugal/Sociedade+de+Informação+e+Telecomunicações-92>
- Josemin, G. C. (2011). Entendimento Interpretativo em Pesquisa Qualitativa sobre Sistemas de Informação. In *XXXV Encontro da ANPAD*. Rio de Janeiro.

- Kenner, C., Ruby, M., Jessel, J., Gregory, E., & Arju, T. (2008). *Intergenerational learning events around the computer: A site for linguistic and cultural exchange. Language and Education* (Vol. 22). Department of Educational Studies, Goldsmiths, University of London, London, United Kingdom.
<https://doi.org/10.1080/09500780802152572>
- Kenner, C., Ruby, M., Jessel, J., Gregory, E., & Arju, T. (2008). This is an electronic version of an article published in : The journal is available online at :
Intergenerational learning events around the computer : a site for linguistic and cultural exchange, 22(4), 298–319.
- Lee, J. S., Liang, S., Park, S., & Yan, C. (2015a). Hi Grandpa!: A communication tool connecting grandparents and grandchildren living apart. In *MobileHCI 2015 - Proceedings of the 17th International Conference on Human-Computer Interaction with Mobile Devices and Services Adjunct*.
<https://doi.org/10.1145/2786567.2793687>
- Lee, J. S., Liang, S., Park, S., & Yan, C. (2015b). Hi Grandpa!: A communication tool connecting grandparents and grandchildren living apart. In *MobileHCI 2015 - Proceedings of the 17th International Conference on Human-Computer Interaction with Mobile Devices and Services Adjunct*.
<https://doi.org/10.1145/2786567.2793687>
- Lopes, E. S. de L., & Park, M. B. (2007). Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 12(2), 141–148.
<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2007000200006>
- Lucena, L. C. (2012). *COMO FAZER DOCUMENTÁRIOS: Conceito, linguagem e prática de produção*. (S. B. Cury & S. Del Guerra, Eds.) (1 ed). São Paulo: Summus Editorial.
Retrieved from <https://books.google.com.br/books?id=44wbuAFevAUC>
- Mansson, D. H. (2016). The Joy of Grandparenting: A Qualitative Analysis of Grandparents. *Journal of Intergenerational Relationships*, 14(2), 135–145.
<https://doi.org/10.1080/15350770.2016.1160738>
- MCTES. (2005). Ligar Portugal. Retrieved December 11, 2016, from
<http://www.ligarportugal.pt/>
- Monserud, M. A. (2011). Changes in Grandchildren's Adult Role Statuses and Their Relationships with Grandparents. *Journal of Family Issues*, 32(4), 425–451.

- <https://doi.org/10.1177/0192513X10384466>
- Nag, W., Ling, R., & Jakobsen, M. H. (2016). Keep out! Join in! Cross-generation communication on the mobile internet in Norway. *Journal of Children and Media*. <https://doi.org/10.1080/17482798.2016.1203808>
- Nicholson, S. (2015). Peeking behind the locked door: A survey of escape room facilities. Retrieved January 24, 2017, from <http://scottnicholson.com/pubs/erfacwhite.pdf>
- Oliveira, A. R. V., & Pinho, D. L. M. (2013). Relações entre avós e seus netos adolescentes: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Geriatria E Gerontologia*, 16(3), 633–642. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232013000300019>
- Pariente, J. (2015). Grandmas project. Retrieved December 23, 2016, from <http://grandmasproject.org/>
- Pereira, F. R. R., & Silva, L. de J. O. L. da. (2011). *Novos media e relacionamentos intergeracionais*. Departamento de Comunicação e Arte. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10773/7599>
- Pires, M. de F., & Coelho, C. M. (2010). *Presença E Papel Dos Avós.Pdf*. Universidade de Aveiro. Retrieved from <http://ria.ua.pt/handle/10773/3601>
- Ponte, C. (2011). Uma geração digital? A influência familiar na experiência mediática de adolescentes, 65, 31–50. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10071/2968>
- Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants. *From On the Horizon*, 9(5).
- Quadrello, T., Hurme, H., Menzinger, J., Smith, P. K., Veisson, M., Vidal, S., & Westerback, S. (2005). Grandparents use of new communication technologies in a European perspective. *European Journal of Ageing*, 2(3), 200–207. <https://doi.org/10.1007/s10433-005-0004-y>
- Rempusheski, V. F., Haigh, K. M., & Davidson, L. M. (2012). College Students' Perceptions of Their Grandparents and Communication Technology Use. *Journal of Intergenerational Relationships*, 10(4), 370–385. <https://doi.org/10.1080/15350770.2012.726600>
- Ricoy, M. C., Couto, M. J. V. da S., Ricoy, M. C., & Couto, M. J. V. da S. (2016). Dispositivos móveis digitais e competências para a utilização na “sociedade do conhecimento.” *Convergencia*, 23(70), 59–85.

- Rivera, B. (2016). Old people vs technology.
- Rodrigues, A. (n.d.). A natureza interacional do dispositivo celular | Adriano D Rodrigues - Academia.edu. Retrieved October 30, 2016, from https://www.academia.edu/9541332/A_natureza_interacional_do_dispositivo_celular
- Rodrigues, V., Mota-Pinto, A., De Sousa, B., Botelho, A., Alves, C., & De Oliveira, C. R. (2014). The aging profile of the Portuguese population: A principal component analysis, *39*(4), 747–752. <https://doi.org/10.1007/s10900-014-9821-2>
- Rodriguez, I., Oteo, M., Gleisner, S., & Herskovic, V. (2015). *SINCOM: communicating grandparents and grandchildren living at a distance*. (M. Fortino, G; Shen, WM; Barthes, JP; Luo, JZ; Li, WF; Ochoa, S; Abel, MH; Guerrieri, A; Ramos, Ed.). Calabria, ITALY. Retrieved from https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=WOS&search_mode=GeneralSearch&qid=4&SID=P1f9bi957PvAmwpvDb5&page=1&doc=6
- Sanou, B. (2013). ICT Facts and Figures. Retrieved November 23, 2016, from <http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/ICTFactsFigures2013-e.pdf>
- Saunders, M. N. K., Lewis, P., & Thornhill, A. (2012). *Research methods for business students*. Pearson.
- Sawchuk, K., & Crow, B. (2012). “I’m G-mom on the phone” : Remote grandmothering, cell phones and inter-generational dis/connections. *Feminist Media Studies*, *12*(4), 496–505. <https://doi.org/10.1080/14680777.2012.741863>
- Schwandt, T. A. (2000). Three epistemological stances for qualitative inquiry: Interpretivism, hermeneutics and social constructivism. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (2nd ed., pp. 189–213). London: SAGE. Retrieved from <http://www.uky.edu/~addesa01/documents/Schwandt.pdf>
- Seiler, H. (2015). Where things come from. Retrieved January 18, 2017, from <https://vimeo.com/40459347>
- Silverstone, R. (2010). Domesticando a domesticação. Reflexões sobre a vida de um conceito. *Media & Jornalismo*, *16*, 9–28. Retrieved from http://cimj.org/images/stories/docs_cimj/domesticando_a_domesticacao_silverstone_reviso.pdf

- Simões, J., & Fonseca, A. B. (2015). Coisa de Avó: Documentário. Retrieved January 10, 2017, from <https://www.youtube.com/watch?v=Oh9b5W1poJU>
- Soares, S. J. P. (2007). *DOCUMENTÁRIO E ROTEIRO DE CINEMA: da pré-produção à pós-produção*. Universidade Estadual de Campinas.
- Strom, R. D., & Strom, P. S. (2015). Assessment of Intergenerational Communication and Relationships, *41*(1), 41–52. <https://doi.org/10.1080/03601277.2014.912454>
- Strom, R., & Strom, P. (2013). Grandparents and Reciprocal Learning for Family Harmony. In *Achieving Quality Education for All* (pp. 139–145). Dordrecht: Springer Netherlands. https://doi.org/10.1007/978-94-007-5294-8_24
- T Mobile. (2015). Grandparents teach their grandkids old technology. Retrieved January 15, 2017, from <https://www.youtube.com/watch?v=KPQPsdxpXuM>
- The National. (2015). Seniors home brings the young and old together. Retrieved January 25, 2017, from <https://www.youtube.com/watch?v=3LGSfgOi9UU>
- Thomas, B. (2009). What are old people for?
- Tomaim, C. dos S., Marconi, D., & Dalenogare, M. (2013). A produção de documentário no Rio Grande do Sul na visão dos realizadores. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências Da Comunicação*, *36*(2), 135–154. <https://doi.org/10.1590/S1809-58442013000200007>
- Verona, S. M., Camps Pimenta, G., De, M., & Buriti, A. (2006). Percepção do idoso em relação à Internet, *14*(2), 189–197.
- Vutborg, R., Kjeldskov, J., Pedell, S., & Vetere, F. (2010). Family storytelling for grandparents and grandchildren living apart. In *NordiCHI 2010: Extending Boundaries - Proceedings of the 6th Nordic Conference on Human-Computer Interaction* (pp. 531–540). Aalborg University, Department of Computer Science, Denmark. <https://doi.org/10.1145/1868914.1868974>
- Weber, J. A., & Absher, A. G. (2003). Grandparents and grandchildren: a “memory box” course assignment. *Gerontology & Geriatrics Education*, *24*(1), 75–86. Retrieved from <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-18444411943&partnerID=40&md5=936eea1b5de5cae03f51075aa43c9858>
- White, D. (2010). Not “Natives” & “Immigrants” but “Visitors” & “Residents.” Retrieved December 8, 2016, from <http://tallblog.conted.ox.ac.uk/index.php/2008/07/23/not-natives-immigrants->

but-visitors-residents/

ANEXO 1 | Narrativa da atividade gamificada

Atenção Senhores,

A população foi contaminada por um vírus que é ativado através do uso de tecnologia. Quando ativado, o vírus é rápido e mortal. Infelizmente, os testes mostraram que um de vocês está contaminado. Mas correm rumores da existência de uma vacina escondida no gabinete de um famoso cientista e é preciso encontrá-la para que se salvem.

A equipa terá um máximo de 50 minutos para encontrar e desvendar as cinco pistas que o cientista deixou no gabinete antes de desaparecer, para encontrar a vacina. Esta tarefa vai implicar a utilização de tecnologia, por isso, o primeiro passo é descobrir qual de vocês está contaminado pelo vírus. O elemento contaminado não pode tocar na tecnologia ou o vírus vai ativar-se.

Depois de receberem os envelopes com os resultados dos testes e saberem qual de vós está contaminado, entrem no gabinete e fechem a porta. O relógio começará a contar! Boa sorte!

REGRAS

- As equipas são formadas por um avô/avó e um neto/neta;
- As equipas receberão, à partida, um telemóvel, um envelope com resultado do exame de virologia e a primeira pista da atividade.
- O elemento contaminado pelo vírus **não pode tocar em qualquer dos dispositivos tecnológicos** que será necessário utilizar para encontrar as pistas e desvendar os mistérios;
- Os elementos da equipa podem trocar informações entre si e utilizar os meios tecnológicos disponíveis para procurar a solução para os enigmas (pesquisar na internet, etc.);
- Caso precisem de ajuda de um auxiliar, basta baterem palmas e alguém da equipe os ajudará;
- Caso queiram desistir/deixar o jogo basta abandonarem o gabinete.

ANEXO 2 | Resultado de análises sanguíneas

Prezados Senhores,

Frente ao vírus que acomete toda a população portuguesa, o Ministério da Saúde realizou testes em todos os cidadãos. Após análises das amostras coletadas em todas as unidades familiares portuguesas, temos o dever cívico de informar a todos os resultados relacionados à família dos senhores.

O (A) Sr. (a) _____ retornou como
NEGATIVO à presença do vírus.

O (A) Sr. (a) _____ retornou como
POSITIVO à presença do vírus.

Desta maneira aconselhamos aos senhores máxima cautela no manuseio de dispositivos tecnológicos.
Ao menos até a descoberta de vacina eficaz!

Ministério da Saúde | Governo de Portugal

PISTA 1

Meu nome não posso revelar, mas quem tem experiência de vida, há de se lembrar. Fui muito famoso há alguns anos, cantava por amor e profissão....

Olhem para mim e leiam o meu código.

ANEXO 4 | Pista 2

Aveiro tem quase 260 anos e, neste tempo, muita coisa mudou. Dentro dessa sala há uma caixa com fotos antigas de lugares na cidade... Será que consegues adivinhar qual o sítio das fotos? O nome do lugar os levará à próxima pista.

ANEXO 5 | Poema para pista 3

**Começo em uma rotunda
termino em uma estação e
sou conhecida como A avenida.**

**Tenho galerias como a Oita,
os correios e muito mais.**

**Meu apelido lembra o mar,
mas na verdade dou referência
a importante Dr.**

Adivinha quem sou?

Se já adivinhaste é hora de olhar no envelope aqui próximo e encontrar a próxima pista.

PISTA 3

Olhe ao seu redor, veja que há, nesta sala, um item muito familiar a um de vocês – talvez o mais velho da equipa. Quando não havia computadores era aqui que escrevíamos nossas cartas.

Encontre esta raridade e conheça a próxima pista.

ANEXO 7 | Pista 4

A PISTA QUE PROCURA ESTÁ ABAIXO, NESTE PAPEL.
É PRECISO ‘RODAR’ O PAPEL. SABEM COMO FAZÊ-LO?

V
V
V
V
V
V
V
V
V
V
V
V
V
V
V
V

PISTA 4

Há 50 anos um vulcão entrou em erupção em uma das ilhas do Açores. Qual o ano e qual era o nome deste vulcão? Para responder a esta pergunta o portador do telemóvel deverá postar a resposta no Facebook, na página “Troca de Conhecimento Intergeracional”

Lembrem-se: O Google pode ser ótimo nestas horas!

PISTA 5

Chegaram até aqui graças ao conhecimento que ambos possuem e podem dividir. A vacina está no cacifo e a chave é esta aqui. Basta o membro contaminado da equipa, abrir o cacifo e tomar o conteúdo do frasco!

Agora, façam uma foto da dupla e salvem no telemóvel. Esta imagem vai para o mural dos sobreviventes!

ANEXO 9 | Termo de responsabilidade e autorização de uso de imagem para avós**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu _____ , portador do Cartão de Cidadão nº _____ , declaro para os devidos efeitos legais, que autorizo a utilização das imagens captadas no estudo de dissertação de mestrado “Tecnologia e Relacionamento Intergeracional | Como dispositivos tecnológicos interferem na troca de conhecimento entre avós e netos” para produção de documento audiovisual, em conhecimento de que a participação é efetuada por livre vontade.

BI:

Aveiro, Portugal, _____ de _____ de 2017

ANEXO 10 | Termo de responsabilidade e autorização de uso de imagem para netos**TERMO DE RESPONSABILIDADE E AUTORIZAÇÃO**

Eu _____, portador do Cartão de Cidadão nº _____, declaro para os devidos efeitos legais, que autorizo, na qualidade de _____ (Pai, Mãe, tutor legal), o menor _____, portador do Cartão de Cidadão nº _____, a participar no estudo de dissertação de mestrado “Tecnologia e Relacionamento Intergeracional | Como dispositivos tecnológicos interferem na troca de conhecimento entre avós e netos” e a utilização das imagens capturadas para produção de documento audiovisual, em conhecimento de que a participação é efetuada por livre vontade do menor.

BI:

Aveiro, Portugal, ____ de _____ de 2017

ANEXO 11 | Roteiro de entrevista semiestruturada**DEMOGRÁFICOS**

1. Nome
2. Idade
3. Freguesia
4. Escolaridade
5. Número de netos/avós vivos
6. Número de filhos (para avós)
7. Proximidade de moradia

TECNOLOGIA

8. Possui dispositivos tecnológicos?
 - a. Sim, quais? Computador/portátil; tablet; telemóvel
 - b. Não. Tem acesso ao uso de algum desses dispositivos? Qual?
9. Quantas vezes, por dia, utiliza os dispositivos?
10. Qual o grau de conhecimento no dispositivo?
11. Como aprendeu a utilizar o dispositivo?
12. Seu neto/avô faz uso destes dispositivos?
13. Possui perfil em alguma rede social?
14. Acede ao seu perfil quantas vezes por dia?

RELACIONAMENTO INTERGERACIONAL

15. Quantas vezes, por semana, vê os netos/avós?
16. Em média, quanto tempo os encontros duram?
17. Quais atividades realizam juntos nestes encontros?
18. Quando tem alguma dúvida em relação a _____ costuma recorrer a quem? (pergunta sobre algo relacionado às atividades realizadas)
19. Reconhece em seu neto/avô fonte de conhecimento para si?
20. Percebe-se a si como fonte conhecimento para seu neto/avô?
21. Quais os assuntos ou situações em que recorre ao seu neto/avô para ajuda?
22. Como qualifica a proximidade e intimidade entre vocês?
23. Gostaria de mudar alguma coisa no relacionamento atual?
 - a. Sim, o que?
 - b. Não.
24. Acha que a tecnologia, atualmente, contribui para a aproximação ou afastamento das gerações?
25. Conversa com seu neto/avô sobre tecnologia e comunicação?
26. Possui seu neto/avô na rede social que usa?

SOBRE A ATIVIDADE 1

27. Em relação à atividade realizada, achou-a positiva? Divertiu-se? Há algum comentário que queira fazer a respeito?
28. No convívio com seu neto/avô acredita haver um diálogo saudável?

- 29. Ainda, sente que há a partilha de conhecimento?
- 30. Como percebe a tecnologia na troca de conhecimento entre avós e netos? Acha que há uma participação?
- 31. A seu ver, qual o papel da tecnologia na sociedade atual?
- 32. Tem alguma consideração final a respeito da troca de conhecimento entre você e seu neto/avô?

RIA – Repositório Institucional da Universidade de Aveiro

<http://ria.ua.pt>

Estes anexos só estão disponíveis para consulta através do CD-ROM.

Para consultar o CD-ROM deve dirigir-se ao balcão de atendimento da Biblioteca da UA.

Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia
Universidade de Aveiro